

REVISTA

DA SEMANA

O QUE É A
OPERAÇÃO
CABANA

EXCLUSIVO E SENSACIONAL

A verdade sobre
Fernando Noronha





★ FERNANDEL, famoso cômico do cinema francês, aprende (a sério), clarineta para seu próximo filme. Apesar de ser um ídolo, Fernandel ainda não repetiu o sucesso alcançado quando encarnou o D. Camilo, discutido personagem de Guareschi.

And

DIRI
Helio

COL

Aug
Carl
tunc
Alvo
Tho

◆
Os
O h
Há
A v
Ten
Gin
Ope
Um
Mau

◆
Fort

Por
Sei
Re
Sei

Re
Sei

Tô
O
est
pel
nã

Dir
Dir
Dir
CH
Pa
Fo
De
La
Re

Re
22

No
42
av
Na
M
te

DIRETOR
Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Os astros de Hollywood no Rio	4/9
O homem do braço de ouro	18/19
Há crise de homens no futebol brasileiro	23/25
A verdade sobre Fernando de Noronha	28/29
Tenho medo de perder a voz	30/35
Gina Lollobrigida no limiar da maternidade	38/42
Operação-Copacabana	44/49
Um árabe prega a reconciliação	50/51
Mauro Braga na Câmara assiste às eleições	56/59

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 424, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



● NOSSA CAPA: Ângela Maria, cartaz da música popular brasileira, uma das mais bem pagas do Brasil, vive apavorada com a possibilidade de perder a voz, conforme confessa à REVISTA DA SEMANA em entrevista exclusiva. (págs. 30/35).

VELHOS ASSUNTOS

● Agora que a calma voltou à vida de nossa cidade, que não há mais nem as velhas serpentinhas descoloridas, dependuradas em postes ou fios contando a estória de nossas folias carnavalescas, agora que o verão está se despedindo e que voltamos às agruras de nossos quotidianos problemas pessoais ou coletivos, vale a pena buscar, em jornais de outras eras, assuntos que até hoje nos preocupam e nos afligem. Por exemplo: a falta d'água. O Rio de Janeiro sempre foi uma cidade sedenta; sempre choramos a mudez das torneiras de tal modo que, no passado como hoje, jornais mantinham uma seção especial para contar que este ou aquele bairro estava sem água. Querem ver? Lá está no "Jornal" de 1857 num sábado uma publicação a pedido, com o título: "A falta de água". "Mau fado — conta a notícia — pesa realmente sobre esta desgraçada terra! Fêz-se uma despesa enorme com o encanamento do Maracanã; reconheceu-se que a água vinda daquele lugar só, era suficiente para abastecer uma cidade com o triplo da população que tem o Rio de Janeiro; multiplicaram-se as bicas por todos os cantos, concederam-se muitas penas d'água a particulares que dispenderão nesse mister não pequenas quantias e que pagam um imposto anual, no entanto, o que se observa? Muitas bicas estão a maior parte do dia secas, particularmente a da praia do Flamengo, onde é uma raridade ver-se água; os depósitos particulares, principalmente lá para as bandas do Catete e Botafogo, conservam-se igualmente secos dias e dias e as autoridades que deviam velar sobre esta urgente necessidade do povo, dormem o sono da indolência! Valha-nos senhor ministro do Império, tenha dó destes pobres habitantes do município neutro já tão onerados de encargos e acabrunhados com o enorme preço dos gêneros de primeira necessidade!"

● Sempre fomos muito chorões e a linguagem — ingênua e meia complicada — dessa publicação demonstra que nossos avós sofreram como nós a mesma terrível falta d'água, que como nós choraram o alto custo de vida, e que tiveram que pagar taxas d'água inexistente. Outro assunto tão velho quanto esses é o da licenciosidade do Carnaval. Apenas, no passado, não havia fotografias comprovadoras e os jornais noticiavam as festas com linguagem diferente: as dos clubes carnavalescos eram chamadas bacanaís, forrobodós, etc., marcando assim a licenciosidade. Também sempre houve muita gente fantasiada de nu e muitos "travestis". É verdade que no começo as famílias não se misturavam com o povo; assistiam de camarote apenas. Só mais tarde elas aderiram... São velhos assuntos, muito velhos que se pode encontrar nos jornais do passado, visita muito aconselhável para quem quiser saber como viviam e sentiam nossos avós. Sofriam os males que hoje sofremos; apenas era bem justo que cidadãos do século XX, nossa vida hoje fôsse bem melhor. Piorou muito, não é?

E N E I D A



ANITA EKBERG (o busto) YUL BRYNNER (o careca) DOMINARAM O RIO POR SETENTA E DUAS HORAS

VAN HEFLIN, O DE MAIS PERSONALIDADE E O MAIS EDUCADO, BRYNNER, O MAIS DISPUTADO, E EKBERG A MAIS AUSENTE ★ MAS O MAIS IMPORTANTE (E MAIS ESQUECIDO) É ANATOLE LITVAK ★ BRYNNER QUERIA CONHECER PORTINARI ★ EKBERG LEVOU OUTRA SURRA DO MARIDO E FOI EMBORA FURIOSA ★ JORGINHO GUINLE, A SOMBRA DAS ESTRELAS AMERICANAS ★ LANA TURNER JÁ ESTAVA ABORRECIDA DE TANTO OUVIR DIZER: "COMO ELA ENVELHECEU!" ★ ANN MILLER, JOANNE GILBERT E JOANNE DRU NÃO FIZERAM SUCESSO

Reportagem de LUIZ SODRÉ

Fotos de VITO VASCONCELOS e ALBERTO FERREIRA

QUALQUER avião que descesse no Galeão naquele dia cinzento, provocava a pergunta invariável: "É o avião das celebridades?". O aeroporto cheio, curiosidade indisfarçável, mas só muito depois é que as "celebridades" de Hollywood foram pisar solo brasileiro e conversar com seus fãs já impacientes.

◇
Durante 72 horas (pelo menos) os astros e estrelas dominaram a cidade. Em todos os lugares onde apareciam provocavam onda, principalmente Anita Ekberg e Yul Brynner. Justifica-se: ambos exibiam largamente seus atributos de maior sucesso.

◇
Passearam pela cidade, andaram de barco na Guanabara, jantaram na piscina do Copacabana, no domingo, estiveram no coquetel (frustrado) do Harry Stone, foram ao belo apartamento de Eunice Leopoldo Modesto Leal (foi o que eles mais gostaram), jantaram em traje de gala (com toda a sociedade presente) na terça-feira, e, finalmente, assistiram à estreia de "Anastácia", o filme que acrescentou um pouco mais de brilho à já brilhante careca de Yul Brinner.

◇
Lana Turner saltou com uma corrente de ouro no tornozelo e Jorginho Guinle a tiracolo. Os fãs gostaram muito da correntinha, mas nem chegaram a perceber o Jorginho.

◇
Anita Ekberg, vastíssima e de busto medindo mais ou menos 50 centímetros



Lana Turner se aborreceu com a exclamação: «como envelheceu». E como não é difícil de retificar (ou imaginar) ela envelheceu mesmo, pois já são passados 12 anos de sua primeira estada por estas bandas. Tempo, diga-se, que não arrefeceu seu entusiasmo por Luisinho Santos Jacinto, com quem teve um romance em 1945, retomado agora nos lugares mais públicos e visíveis. Jorginho Guinle também pretendeu insistentemente aparecer a seu lado, mas só conseguiu a suplência de Luisinho



Beverly Tyler passaria quase despercebida não fôsse seu quase romance com Eugênio Carlos. É bonitinha, apenas

ANITA EKBERG (o busto) e YUL BRYNNER (o careca)

Não há explicação para esta foto. Lana Turner de lenço na boca, Jorginho Guinle mandando parar. O Que? O milionário brasileiro foi barrado (desta vez) por Luisinho Santos Jacinto, outrora «Play-boy», hoje afastado das «circuladas»



Ekberg e o marido, Anthony Steel. Nesta foto exclusiva o marido de Ekberg exhibe seu físico

(enfestado), vinha apanhando desde Punta Del Leste. Segundo os colunistas (sempre bem informados) o autor das surras era o próprio marido da estrêla. Rotina, sabeis. Principalmente entre artistas temperamentais. Mas no Rio parece que o marido da Ekberg passou da conta, bateu com mais fôrça e ela não hesitou: pegou o avião e foi embora.



Van Heflin tem muita personalidade. Compareceu ao lindo apartamento de



avantajado. E foi baseado nêle que deu várias surras na mulher famosa. A primeira foi em Punta Del Leste, a segunda em Montevideu, e a terceira (mais violenta) por aqui mesmo. E foi essa última que provocou um rompimento entre os dois e o regresso inesperado da conhecida atriz

Eunice e Leopoldo, com o seguinte traje: camisa azul de jogador de futebol, gravata verde, paletó cinza, calça cor de barro (suja), cabelos desalinhados e barbado. Mas é muito educado e conversou largamente, agradando.



Yul Brynner era o mais visado em todos os lugares. Dizem que fala 7 línguas. Mas na casa de Leopoldo e no coquetel do Harry Stone só usou duas: a própria, para

devorar salgadinhos e stroganoff e o inglês, para se fazer entender. Declarou gostar muito da pintura de Portinari (queria conhecê-lo pessoalmente), fêz força para ser simpático e andou ensaiando algumas conquistas, atrapalhadas naturalmente pela marcação da espôsa. A sua careca é falsa, como se sabe, tipo da careca "para uso externo". Ela foi inventada para o filme extraído da famosa peça teatral "The King and I". Fêz sucesso, esqueceu a cabeleira anterior, só aparece assim. Na tela e fora dela.

Lana Turner estêve aqui por volta de 45, logo depois da guerra. Era realmente muito bonita. Estava apenas com dois divórcios. Hoje com mais 12 anos de idade e 4 fracassos matrimoniais é natural que esteja diferente. Razão bastante para se aborrecer de verdade, depois de ouvir centenas de vêzes: "Meu Deus, como ela envelheceu!"



Anatole Litvak é (artisticamente) o mais importante da comitiva. Mas também foi

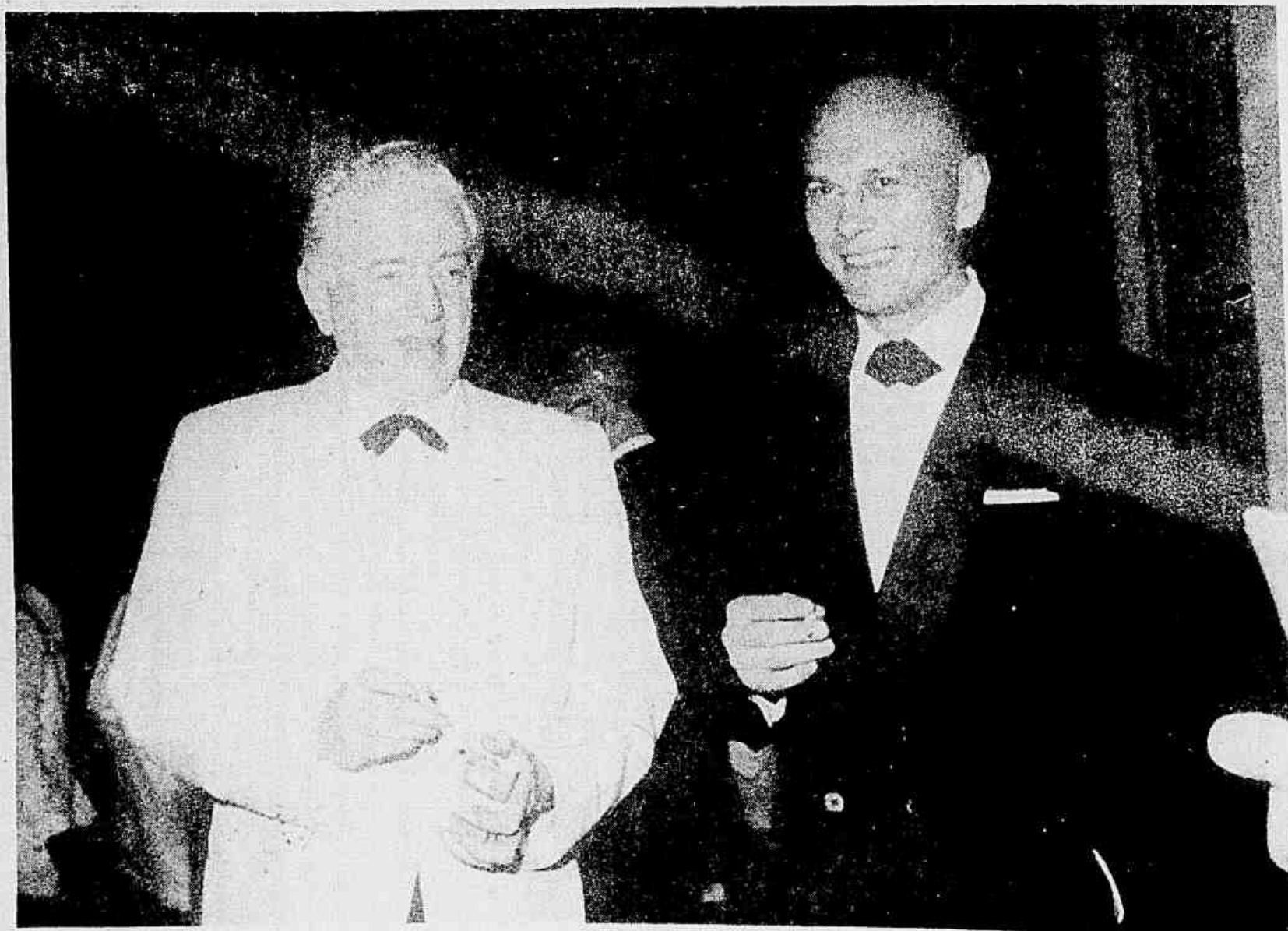
ANITA EKBERG (o busto)



Joanne Gilbert, a mais novata de tôdas, também sem maior expressão. Ao fundo, Leopoldo Modesto Leal que ofereceu um coquetel (ótimo) aos artistas e à sociedade carioca



Ann Miller também já está bem velhusquinha. Foi anunciado que ela viria com seu namorado de 12 anos, mas ao descer aqui já estavam brigados. Chance, aproveitada pelos galãs da terra



Anatole Litvak (o mais importante da comitiva) andou sempre meio esquecido. É um papo admirável, inteligente e observador. Ficou impressionado com Moses e perguntou muita coisa sôbre ele

o mais esquecido. Compreensível. Seu talento não é tão visível (nem tão fácil de explorar publicitariamente) quanto as "ferramentas" de trabalho de Anita Ekberg e Yul Brynner.

◇

Jorginho Guinle foi a presença cômica na apresentação dos artistas. Fêz uma fôrça terrível para dar a impressão de que tôdas as estrêlas estavam apaixonadas por êle. Mas conseguiu mostrar apenas que o seu físico aumenta na proporção direta do aumento do salto carrapeta de seu sapato.

◇

Ann Miller, e as duas Joannes (a Dru e a Gilbert) não fizeram sucesso. Nem o Jorginho Guinle queria sair com elas. A não ser em último caso.

◇

O coquetel do Harry Stone acabou antes de começar. Explica-se: os artistas chegaram (inesperadamente) antes da



Joanne Dru, foi talvez entre as mulheres a que fez mais sucesso. Gostou do Sacha's e do Country, dançou muito, mas não teve nenhum romance especial, deixando a «rapaziada» meio zozza



Van Heflin. Agradou em parte. Tem personalidade, veste-se com discrição, e no cinema Palácio (estréia de Anastácia), foi o mais aplaudido. Excelente papo, assíduo freqüentador do Sachas

hora marcada, mas não resistiram ao verdadeiro assalto organizado contra eles.



Filme favorito de Van Heflin: "Os Brutos Também Amam". A de Litvak: "Anastácia". De Yul Brynner: "O Rei e Eu". De Lana Turner: Luisinho Santos Jacinto.



Anita Ekberg (descomunal e provocante) desde Punta Del Leste não escapa das mãos dos fãs que (como São Tomé) querem ver se ela existe mesmo. Algumas vezes ela se aborrece. Outras o marido se aborrece por ela.



Ann Miller chegou brigada com seu namorado de 12 anos (12 anos de namoro é claro, e não de idade) o que deu oportunidade a alguns rapazinhos mais afoitos. Mas como o mais brilhante galã da nova geração está (ainda) de amôres com uma francesa, Ann Miller continua solta.



Alexis Smith decepcionou inteiramente. «Que diferença!», foi a exclamação mais comum a seu respeito. O marido Craig Stevens, tem uma presença razoável e um sorriso kolinos muito estandartizado

LITERATURA E ARTE

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

LIVROS EM DESFILE

Cotação: * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom

◆ DARCY DAMASCENO, jovem poeta e ensaísta, após anos de pesquisa, edita uma edição crítica do Teatro de Martins Pena (em colaboração com Maria Filgueiras), como de há muito reclamava a importância quer artística, quer histórica, do «Molière Brasileiro». Os mais modernos princípios da Ecdótica são observados nesse livro, empreendimento sério e digno de encômios (Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1956. 2 volumes, 631 + 440 páginas, inúmeros fac-símiles. Cotação: ****).

◆ RIBEIRO COUTO, há pouco contemplado com o «Simon Bolívar», prêmio destinado de tempos em tempos a autor latino de projeção, é o autor de «Barro do Município», excelente livro de crônicas, nas quais o poeta jamais deixa de estar presente (Editôra Anhembí, S. Paulo, 1956. 192 páginas. Cotação: ****).

◆ SÉRIE DE discursos e de apontamentos, pronunciados uns, e escritos outros em várias ocasiões, é «Inflação e Outros Estados», de Brasília Machado Neto. Livro que não pode ser ignorado por quantos desejem estar em dia com os problemas econômicos nacionais, tão intrincados e desprezados (Livraria José Olympio, Editôra, Rio de Janeiro, 1956. 410 páginas).

◆ JORGE TUFIC é um poeta amazonense, ainda moço — de quem há pouco recebemos «Varanda de Pássaros», livro de estréia. E, já, um poeta que possui seu ritmo, e que busca, com êle, transmitir do modo mais simples, menos hermético, o que tem a dizer. Contudo, ainda há, em seu volume, muita peça de que o autor, mais tarde, terá de se arrepender (Edições Madrugada, Manaus, 1957. 68 páginas. Cotação: ***).

◆ O PRIMEIRO VOLUME da «Coleção de Estudos Jurídicos» da Casa de Rui Barbosa chama-se «Bibliografia Brasileira de Direito Constitucional», e reúne os resultados das primeiras pesquisas efetuadas pelo Centro de Pesquisas de que é diretor Thiers Martins Moreira, e chefe de pesquisas de Bibliografia Jurídica, Caio Tácito. Nada menos de 940 títulos estão catalogados, alguns pela primeira vez (Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1956. 136 páginas).

EDIGAR DE ALENCAR edita «Galé Fugido», livro de versos — na imensa, esmagadora maioria chochinhos, sem valor algum (Pongetti, 1957. 130 páginas. Cotação: *).

TELMO PADILHA, poeta baiano, fixou sua residência no Rio. É autor de «Girassol do Espanto», livro que elogiamos quando de seu aparecimento. Em nosso próximo número, publicaremos uma entrevista com Telmo.

DIZ-SE QUE será mudado para «Cidade Jorge Amado» o nome da pequenina cidade em que nasceu, na Bahia, o hoje internacionalmente famoso autor de «Capitães de Areia».

POR FALAR em Telmo Padilha: o citado poeta estaria organizando uma caravana de

REVISTA DA SEMANA — 10

CONVERSA COM

WLADIMIR DIAS PINO

(POETA)

◆ UM DOS POETAS que participaram da Exposição de Arte Concreta há tempos realizada no Ministério da Educação foi Wladimir Dias Pino, autor de «A Máquina, ou a Coisa em Si», «A Ave», e «A Cidade» (1956-1957). Wladimir é matogrossense, porém fixou residência no Rio de Janeiro já há algum tempo.

p — que representou para a cultura brasileira, de modo geral, a Exposição Concreta?

r — uma tentativa no sentido de renová-la, de purificá-la.

p — que achou das críticas formuladas por alguns intelectuais brasileiros a respeito do concretismo?

r — que foram resultantes do desconhecimento e da pressa. Não têm importância alguma.

p — como chegou à poesia concreta?

r — minha poesia sempre foi de vanguarda. Ainda em Cuiabá publiquei «A Máquina, ou a Coisa em Si», onde certas soluções afins ao concretismo eram já empregadas. Nunca fiz sonetos juvenis nem tentei imitar ninguém.

p — acha que a poesia concreta está subordinada às artes visuais?

r — de modo algum. Quem poderá dizer que o simbolismo esteve subordinado à música? Nós apenas aproveitamos certas experiências plásticas.

p — e os artistas visuais têm influência teórica dos poetas concretos?

r — não: eles nada têm a ver com isso.

p — há diferença entre os concretos paulistas e cariocas?

r — há diferença, por vezes grande, entre um e outro poetas concretos. Mas há certas constantes que identificam o grupo carioca, outras que individualizam o paulista. De resto, cada poeta concreto funda seu próprio método de composição e trabalho.

p — fora do concretismo, haverá salvação para a poesia?

r — acho que a poesia deverá enveredar pelo caminho do concretismo, se não quiser continuar na atual estagnação. Isso não impede que um grande poeta surja, fora do movimento concreto.

p — que novos passos serão dados, para a popularização do concretismo?

r — temos uma Comissão de Planejamento, e a ela compete traçar planos. Possivelmente realizaremos exposições, conferências e debates em São Paulo, no Rio, e em várias outras cidades do Brasil.

NOTICIÁRIO

escritores cariocas, a fim de lhes mostrar o sul da Bahia.

O CRÍTICO português Adolfo Casas Monteiro ministrará brevemente, na Casa de Rui Barbosa, um Curso de Crítica Literária, sob os auspícios do Ministério da Educação e Cultura.

EDWARD RODRIGUES, do Clube de Poesia de Campos, publicará ainda esse

ano seu livro de estréia: «O Cotidiano e Outros Poemas».

ENEIDA CONTINUA firme, escrevendo para a Civilização Brasileira sua «História do Carnaval Carioca». Quem desejar encontrá-la, é só passar à tarde pela Biblioteca Nacional: ela lá está, na sala de leitura, rodeada de revistas e jornais velhos...

BREVEMENTE TRATAREMOS do último romance do escritor Perminio Asfora, «Vento Nordeste», há alguns dias aparecido em linda edição de José Olympio.

SÔBRE A ARTE BARROCA BRASILEIRA

◆ POUCO A POUCO, vão os críticos e historiadores de arte europeus, com os franceses à frente, descobrindo os tesouros artísticos brasileiros. Ainda há meses, era Germain Bazin quem fazia editar o primeiro volume dos 2 em que se dividirá seu monumental trabalho sobre «L'Architecture religieuse baroque au Brésil». Agora, é o ensaísta Géo-Charles — também poeta, aliás autor de um livro significativamente intitulado «Poèmes du Brésil» —, quem por sua vez publica, pelas «Editions Internationales», seu «L'Art Baroque au Brésil», ornado com setenta e seis ótimas ilustrações (Les Editions Internationales, Paris, dezembro de 1956. 175 páginas). Géo-Charles não é nenhum desconhecido, no gênero de estudos que abraçou: não faz muito, pela editora Plon, saiu seu ensaio «L'Art Baroque en Amérique Latine» — livro que constituiu como que um exercício, uma introdução, ao presente volume inteiramente dedicado ao Brasil. Passemos, porém, uma vista de olhos pelo volume recém-aparecido, não com intuítos críticos, mas apenas para propiciar, aos interessados na arte barroca brasileira, um roteiro do seu conteúdo.

◆ O livro começa por um preâmbulo entusiástico a respeito da adaptação do estilo barroco no Brasil. Géo-Charles evoca Baudelaire — o Baudelaire que tentou um dia descrever a Bélgica artística, e que se estasiava diante do estilo «jesuíta» de algumas estátuas encontradas, aqui e ali, no pequenino país —, e pergunta o que não diria Baudelaire de certas peças brasileiras, nas quais «a escultura dramática chega ao cômico selvagem», ao «cômico involuntário». Passa, a seguir, a fazer um breve sumário do que seja a arte barroca no Brasil — examinando então as decorações interiores, os azulejos, as construções, e terminando afinal por dividir o país em quatro regiões de arte: Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em capítulos especiais, estuda ele cada uma de tais regiões, detendo-se mais demoradamente na análise e interpretação do barroco em Pernambuco. Afinal, com um capítulo curto sobre o barroco em São Paulo e no sul do país, termina ele seu estudo.

◆ Não diremos que o livro de Géo-Charles seja obra fundamental a quem deseje estudar o barroco brasileiro em suas inúmeras e complexas manifestações: a dizer a verdade, ainda está por escrever a obra que seja a legítima Bíblia do passado artístico brasileiro, e certamente caberá a um brasileiro, e não a um francês — por mais amor que demonstre para com o Brasil, e por mais tempo que aqui se demore, a tarefa em questão. Mas — e ainda há pouco falávamos em amor — Géo-Charles demonstra, para com nosso país, certa compreensão que apenas o amor dedicado por ele à nossa terra poderia explicar. Além de compreensão, há por vezes em seu livro um entusiasmo genuíno — e todos sabemos como esses europeus que já nascem cercados de obras-primas, e que lidam com elas durante a vida inteira, são pouco entusiasmáveis —, entusiasmo que em certos casos (como ao descrever, nas salas da Ordem Terceira da Penitenciária, uma imagem de Cristo e de S. Francisco, «colóquio mudo e divino da arte barroca», etc.) é a nosso ver excessivo. Não nos esqueçamos, porém, de que Géo-Charles é poeta, e que os poetas são seres que conservam, intacto, o dom de admirar. A frei Ricardo do Pilar, a mestre Valentim, ao Aleijadinho, o ensaísta dedica poucas, mas valiosas páginas. Mestre Valentim, para ele, é «grande escultor», e o ensaísta chega mesmo a indagar se terão os brasileiros uma clara noção de seu valor: Não lhe saberemos dizer...

Resumindo: «L'Art Baroque au Brésil» é livro que vem lançar mais um pouco de luz sobre o passado artístico brasileiro, mormente na Europa, onde continuam a pensar, com poucas exceções, que somos um povo sem arte, sem história, sem tradições. E, a despeito de alguns adjetivos retumbantes e de alguns pontos de exclamação impertinentes, pode ser lido com proveito, e com real agrado.



NOTÍCIAS

NA GALERIA Vila-Rica foi organizada uma Exposição Póstuma de obras de vários gêneros de Sansão Castelo Branco.

STAMO PAPADAKI, grande urbanista, faz parte do júri que escolherá um plano para a cidade de Brasília, futura capital do Brasil.

MARCEL BRION editou seu «L'Art Abstrait», pela Albin Michel. Comentaremos este livro, ao terminar-lhe a leitura.

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES do Museu de Arte Moderna: Tapeçarias de Genaro de Carvalho, Retrospectiva Alfredo Volpi.

ESTER JOFFILY, aluna de Goeldi, expôs uma série de quinze xilogravuras na «Petite Galerie».

NO MUSEU de La Pensée Française, exposta a obra gráfica e escultórica de Honoré Daumier.

A GALERIA Romanet organizou há pouco uma exposição subordinada ao título «La Réalité Poétique», agrupando pintores que se salientassem pela tradução poética do quotidiano. A foto é de «La Table d'osier», de Terechkovitch, uma das melhores telas da mostra.

A MOÇA DA SEMANA



Roberta Simões, de desfiles tantos em nossas «boites», que, após três anos de ausência, retorna à ribalta, como uma das principais figuras da revista de Nestor de Holanda para a Cia. Mirita Casemiro, «Com Jeito Vai». Miniiiiiiiiina!

A moça Suely Morelli candidatou-se ao título de Rainha das Girls e perdeu. Compareceu ao baile das ditas com uma fantasia que deixava bem à mostra e de maneira irretorquível a pujança dos seus encantos. Foi vingança. Ganhou longe.

Carlinhos e seu Trio deixarão a



GLÓRIA NORTON
Foi e ficou.

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

«boite» Fiesta. Serão os responsáveis pela boa música que deverá animar as noites do novo «Domínio», que vai chegar um pouco fora de hora.

Como vem acontecendo nos últimos anos, mais uma vez o pleito para a escolha da Rainha do Baile das Atrizes foi resolvido pela conceituada classe dos corretores zoológicos. Ganhou, porém, a Casa dos Artistas, o que é muito bem empregado.

Uma bomba de ação retardada vai estourar nos meios artísticos. Só por milagre conhecido empresário — e cronista — desta praça escapará dos tribunais. Mexeram em casa de marimbondo...

Nasceu Angélica Virgínia, filha da vedeta Anilza Leoni.

De noivado desfeito com o ator Nick Nicola, a sibilante Lia Mara vai acontecer em terras lusas. An-

tes, porém, estará contando a história marota de uma uva na «boite» Pósto Seis.

Estranho: Angelita Martinez — a Boníssima — não se candidatou a qualquer título este ano.

O cantor Nelson Gonçalves em misteriosa temporada num terrível cabaré da zona sul. Dizem que foi castigo pelo mau vézo de o popular «Metralha» tanto cantar tango. Se foi, bem feito.

O major Diamantino Fiel veio do Recife especialmente para tomar parte no Carnaval. Pergunta do cronista Fernando Lôbo: — E ele já sabe que não vai haver?

O saudoso compositor Custódio Mesquita recebeu a homenagem póstuma de Jacinto de Thormes, que deu o seu nome ao navio que levou os pracinhas para o Suez, até

então «Custódio de Melo». Justo... Parabéns ao escriba!

James Wilson, o bailarino, de malas arrumadas para Portugal, onde fará dupla com Glória Norton, moça que daqui seguiu com a Cia. Renata Fronzi.



LIA MARA
Também vai

ELEGANTÁRIO ♦ Mister Eco — o Augusto, Sóbrio e Necessário Mister — sempre desconfiou que essa história de escolher elegantes, sejam respeitáveis cavalheiros do alto mundo das finanças ou das finanças altas, sejam as senhoras desfiláveis nas pistas do Sacha's e do Midnight, encobria intuítos que passavam muito além do Taprobana. Com tanto ardor certos colunistas sociais se faziam donos do assunto, reivindicando para si a primazia da grande descoberta, que, bastas vézes, «aplombs» discutíveis ou mesmo duvidosos deixavam escapar suspeitas de que a sua inclusão nas famosas listas obedeciam a ditames de ordem superior e não tinham somente por escopo apontar, para maior embasbacamento dos botocudos situados aquém do paralelo dêsse controvérsido «café-society», os legítimos espécimes da fauna que faz a delícia das costureiras e enche as burras dos mestres da tesoura. Não faz tempo, esta Revista com o espírito de independência que a norteia e através os seus «experts» no assunto, escolheu também, visando exclusivamente o cunho jornalístico, os homens mais elegantes dêstes brasis amados. A escolha, como tôdas as seleções, era passível de crítica, embora contrariando o aforismo que diz que gosto não se discute, aforismo falho, de resto, pois quem se ufana de ter bom gosto, jamais poderia, em sã consciência, afirmar que o caspeado sr. Jânio Quadros, por exemplo, seja um primor de bem vestir... A seleção desta Revista, entretanto, a não serem amáveis observações de alguns leitores, ao invés de ser julgada, atacada ou criticada pelos ases da crônica mundana, foi apenas considerada apócrifa por um colunista social que se diz o pai da criança e cuja paternidade defende como se lhe tivessem tirando o leite do rebento. Vai daí o robustecimento das suspeitas de Mister Eco de que, entre ser e não ser elegante, o melhor mesmo é escolher. Não só pelo prestígio impôsto aos candidatos ávidos de um dia figurarem nas tais listas, como também — e aí é que está o busflis — pelos benefícios que advêm dos escolhidos, naturalmente, sem que se lh'os peçam... E, para corroborar esta sábia conclusão dêste escriba de todos vós, vale aqui transcrever um diálogo (em sociedade tudo se sabe, «apud» Ibrahim Sued) ouvido à beira de grã-fina piscina petropolitana ou, mais precisamente, em Correias, num dêstes fins de semana, diálogo que evidencia uma nova modalidade de compra e venda de imóveis, utilizando-se o vantajoso plano do sistema — vá lá o neologismo! — elegantário, do qual se fêz autor conhecido colunista social. Ei-lo:

— Você sabia que essa casa aí ao lado foi comprada por Fulano pela bagatela de um milhão de cruzeiros?

— E ele tinha êsse dinheiro todo?

— Não, querida. A transação foi facilitada. Ele está pagando prestações mensais de cinco mil cruzeiros e deu... uma elegante de entrada!

Conquanto contrarie as teorias financeiras do ministro Alkmim, aí está, sem dúvida, um sistema novo de vendas a prazo, que deverá influir decisivamente no nosso animadíssimo — pelo menos êste é — carnaval de preços.



SILVEIRA SAMPAIO — ator, autor, diretor e produtor — responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO.

SE TIVESSE QUE ESCOLHER ENTRE CONSTRUIR UM TEATRO E ABRIR UMA «BOITE», INSTALARIA UM «BOB'S».

Pão — Vale a pena fazer «show» inteligente ou meia dúzia de pernas à mostra garantem o sucesso?

QUEIJO — Vale a pena fazer «show» inteligente com duas dúzias de pernas à mostra.

Pão — Você também gosta de batizar coristas?

QUEIJO — Não. E fiquei danado com um certo cronista que batizou a folcloríssima Nilza Benedita da Silva de Nilza BENES. A «Nêga Fulô» de «Brasil, de Pedro a Pedro», o «cavalinho» de «No País dos Cadillacs», transpirava ser «Benedita» por todos os póros. Vai esse cronista e, com o prestígio de sua coluna, me sapoca um sobrenome checo na «Nêga Fulô». Diga-me uma coisa, ó Mister Eco, a propósito de que, você olhando a «Nêga Fulô», foi se lembrar do presidente Eduardo BENES?

Pão — Por que fracassou a sua projetada excursão pela Europa?

QUEIJO — O Churchill também adiou várias vezes o Dia D...

Pão — O teatro de variedades brasileiro pode prescindir da inclusão de «quadros» estrangeiros?

QUEIJO — Eu nunca trabalhei com «quadros» estrangeiros.

Pão — No teatro, que mais lhe agrada: escrever, produzir, dirigir ou representar?

QUEIJO — Não faço qualquer distinção. São fases de u'a mesma operação, a operação «fazer teatro». E fazer essa operação é que me agrada.

Pão — Você encenaria outra vez «Um Homem Magro Entra em Cena»?

QUEIJO — Sim. Mas com roupas de 1920. O meu erro ali foi não ter situado a peça na sua devida época.

Pão — É verdade que foi o racismo que atrapalhou aquele «show» que não houve no Copacabana Palace?

QUEIJO — Não. A «paura» do racismo de alguns frequentadores, talvez.

Pão — Como médico, que remédio você receitaria para revitalizar o nosso teatro de variedades?

QUEIJO — Regime alimentar e ginástica para as coristas, já seria um bom princípio.

Pão — O «Prof. Napoleón Levy» foi o responsável pelo surto das «folclóricas»?

QUEIJO — O surto das folclóricas já existia em estado potencial. O Prof. Napoleón Levy apenas emprestou ao movimento o prestígio da velha cultura francesa...

Pão — E não há como temer uma revolução das donas de casa?

QUEIJO — Esse talvez seja o assunto de uma próxima peça.

Pão — Ainda há muito que explorar do elemento negro?

QUEIJO — Muito que explorar e pouco que estilizar.

Pão — Cite três artistas negros de talento?

QUEIJO — Otelo, Ruth de Souza e Tião. Como artistas folclóricos, todo o meu antigo elenco.

Pão — Por que você parou com o cinema?

QUEIJO — Muito calor dos refletores...

Pão — Se tivesse que escolher, você construiria um teatro ou abriria uma «boite»?

QUEIJO — Nem uma coisa, nem outra. Abriria um «Bob's»...

Pão — Para terminar, diga rápido: você sabe onde tem o nariz?

QUEIJO — A pergunta está mal formulada. Devia ser assim: Nariz, você sabe onde tem o Silveira Sampaio?

A ARARA TOPOU

... saber do sucesso de «Vivan los panderos», «show» que foi à «boite» Le Carroussel de Punta del Leste, em que brilham tantas das suas ex-colegas de «Banzo-Aiê». Segundo os observadores de Mister Eco, Luana, Juçara Ney e Célia Vilela — nessa ordem — tomaram conta do espetáculo, como representantes do nosso mais legítimo e exportável reboledo, só suplantado por um cavalheiro de voz empastada, que apareceu em cena no dia da estréia para exibir a sua notória fatuidade, já bastante avariada pela adipose.



A ARARA CHUTOU

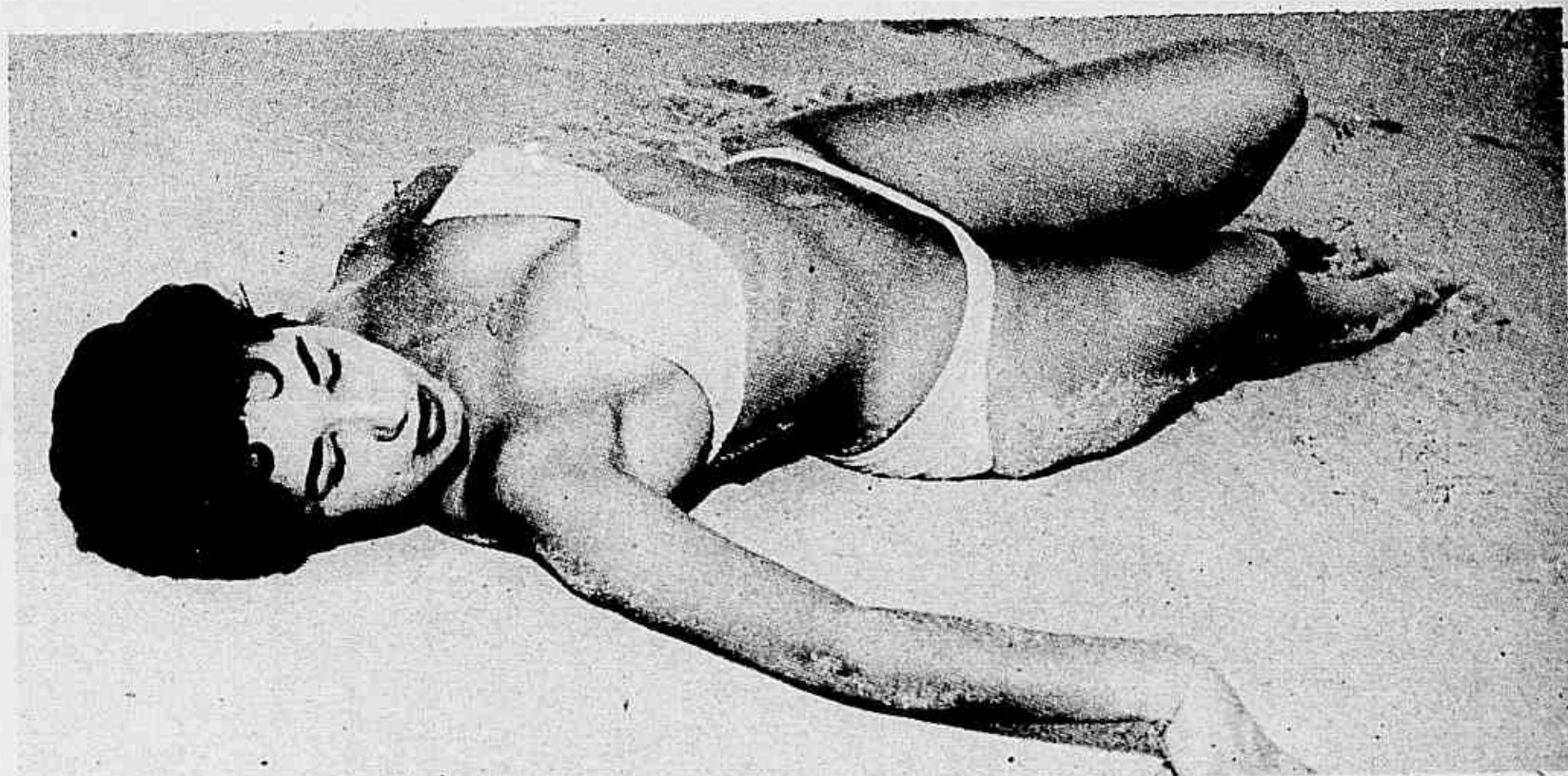
... os preços exorbitantes dos ingressos para os pequenos e grandes bailes de Carnaval, culpa que, em parte, não cabe aos seus organizadores. As taxas altas dos direitos autorais, os selos que a Prefeitura não perdoa através seus zelosos fiscais, contratos de charangas que só tocam músicas de suas respectivas «igrejinhas», policiamento que impõe acintosamente à entrada de caronas, tudo contribuiu para que uma festa outrora de índole popular fosse transformada em privilégio dos mais abastados.



◆ DESSE CARNAVAL CHOCHO que se foi e saudades não deixou, pouca coisa se terá a contar. Em matéria de fartura, a única coisa realmente digna de nota foi a eleição da Rainha. Nunca Rei Momo teve uma companheira de reinado tão à altura do seu bem nutrido físico. Os dois colocados nos pratos de uma balança não chegariam propriamente a empatar. Quebravam a balança.

MERECIDO REPOUSO

◆ Findo o reinado efêmero mas atribulado, S.M. ELOÍNA — a Rainha do Baile das Atrizes — entrega-se, em qualquer ponto da orla marítima, às doces carícias das ondas, em sinal de gratidão pela prodigalidade de caprichosas curvas com que a Natureza a distinguiu. E a Natureza — vêde vós! — recebe Sua Majestade com a maior indiferença deste mundo... Que perdulária!



PÁGINAS DO GALO BRANCO

● Fui pessoalmente ao enterro do filhinho de I., quando poderia ter enviado ao pai, apenas, um simples telegrama. As relações superficiais que mantenho com I. não me obrigavam a comparecer à sua casa para levar-lhe minha solidariedade e um sentimento de pesar pela sua dor em que eu não podia tomar parte senão de maneira genérica. Conhecia I. de alguns poucos encontros; sempre nos falamos rapidamente e para fins determinados: ofertas que ele me faz de terrenos para a instalação de supermercados, oferecimento de mercadorias. De quando em vez traz-me I. uma idéia para um negócio ou uma pretensão modesta. Não se tratava senão de um conhecido. De um desses homens que não nos daremos conta se deixarem de procurar-nos. Quando a telefonista do escritório disse-me que I. não viria ao encontro que me pedira para marcar, por lhe ter morrido um filho, não sei bem por que senti um nó na garganta, uma espécie de angústia quase insuportável. Uma tristeza injustificada invadiu meu ser. Indaguei a hora do enterro e onde morava I.; desfiz uma série de compromissos e fui ver o pungente espetáculo.

I. mora em casa modesta mas com decência e conforto. Não há luxo no seu lar mas, não lhe falta nada que ajude a viver nestes tempos difíceis. Quando entrei, a família composta de casal e três filhas mocinhas, e alguns amigos estavam em torno do esquife minúsculo em que repousava gracioso um menino de mais ou menos cinco anos. I. não teve grandes explosões de dor ao me ver. Limitou-se, apontando-me com o dedo o corpo inerte, a informar que era seu único filho homem, o caçula, quem ali estava deitado, parecendo apenas descansar de travessuras e correrias infantis.

● I. sofrera aos meus olhos singular mudança; não era mais, surpreendido na sua casa e na sua dor, o mesmo homem que me procurava para negócios, para pequenos pedidos, o mesmo conhecido desconhecido, não era mais uma aparência, uma simples presença destituída de realidade. Visitando-o no transe amargo, conhecendo-o na intimidade de sua casa, testemunhando um instante terrível de sua existência, recebia eu uma imagem diferente de I. Deixara ele de ser personagem da rua, da vida ativa, um simples passante, alguém que surge, se agita e desaparece sem deixar vestígios. Tornara-se, diante de mim, um homem, alguém que carregava na sua caminhada sobre a terra uma cruz, um sofrimento, uma agonia, um abismo, alguma coisa de horrível para ser suportado. Por que a um homem comum, a quem não foram atribuídas grandes venturas nem aventuras, a um homem que é obrigado a enfrentar tôdas

as pequenas dificuldades cotidianas, a um homem que precisa bracejar incansavelmente, de sol a sol, para manter-se na superfície; por que a um ser mediano, afável, apagado, discreto, de repente oferece o destino um sofrimento desmesurado, excessivo? — "Até fechar os olhos e morrer, estêve meu filhinho, por assim dizer, agarrado comigo. Olhava-me de quando em quando como a pedir que o aliviasse das suas dores. O senhor imagina o que é um pai não poder socorrer um filho, um pai com as mãos atadas sem saber de que forma ajudar o seu filho... Digo-lhe que não compreendo por que Deus me reservou isso, essa tristeza, quando não O ofendi em coisa alguma que merecesse tão grande castigo."

Falava-me assim o pai, em tom doloroso, mas a voz baixa moderava o efeito das palavras. A surpresa do golpe causara em I. uma espécie de abatimento, de fraqueza íntima; a dor não lhe provocara exaltação nem essa forma de desespero que necessita de grandes palavras, de gritos, de choques físicos para desabafar. A morte do filho murchara em I. o que nele era vontade, ardor, energia. — "Aceito tudo, continuava ele a confidenciar-me, menos a idéia de continuar a viver como vivia e trabalhar como sempre trabalhei. O tempo faz a gente esquecer tudo, mas sinto-me um outro homem agora, um homem diferente do que fui..." Em seguida pôs-se a contar a doença, o progresso do mal, a fraqueza crescente do menino e as promessas dos médicos, e depois a revelação final e a morte.

— Digo-lhe que ele sabia que ia morrer, sem saber o que era morte. Há dois dias atrás, pediu à mãe que lhe trouxesse o urso que o acompanhava desde os dois anos: queria, confessou, dizer adeus ao urso. Depois disso o senhor talvez compreenda por que estou inconsolável. Ele morreu sabendo do segredo da morte. Morreu sabendo que ia para o outro mundo, e mal acabara de chegar a este. No meu coração de pai, o que mais doi, o que mais preocupa, é que ele tenha sofrido além do maltrato do corpo, o maltrato do medo. Essa idéia de que meu filho tenha conhecido o medo, a angústia da morte com cinco anos é qualquer coisa de insuportável, qualquer coisa que me dá vontade de desaparecer com ele, agora mesmo...

● Até o fim dos meus dias reverei o rosto de I., dizia-me enquanto ia mordendo para mim estas e outras palavras. Assentada numa cadeira a mãe chorava; era consolada e tornava a chorar... O pequeno morto, só ele agora sorria, livre do medo, da obrigação de tornar-se homem, dos encontros com o sofrimento. Sorria com os olhos entreabertos. Estava vestido com uma roupa nova de marinheiro.



Augusto Frederico Schmidt assiste atentamente
ao desfile de ranchos na Avenida Rio Branco. O
poeta é um apaixonado dos ritmos brasileiros.

CINEMA

ELI AZEREDO

Frank Sinatra, outrora excelente cantor e agora grande ator, teve a sua oportunidade definitiva em "O Homem do Braço de Ouro". E aproveitou-a com unhas e dentes.

TO
FRANK SINATRA
THE BEST SUPERIOR
ACTOR OF 1957
FROM HERE
TO ETERNITY
THE
INTERNATIONAL PRESS
OF HOLLYWOOD



Eleanor Parker é a mulher (e o calvário) de Sinatra em «O Homem do Braço de Ouro». O papel sofreu muito com a transposição do livro à tela. Mas Eleanor é sempre admirável.

“O HOMEM DO BRAÇO DE OURO” MOSTRA A AMÉRICA DOS PÁRIAS

PROIBIDO PELO CÓDIGO DE PRODUÇÃO DE HOLLYWOOD,
O MELHOR FILME DE OTTO PREMINGER É TAMBÉM A
MELHOR OPORTUNIDADE DE FRANK SINATRA ★ UM ELEN-

CO EXCELENTE. RECURSOS TÉCNICOS FORMIDÁVEIS. UM
BOM DIRETOR E UMA BOA EQUIPE TRANSFORMARAM
UMA ÓTIMA NOVELA NUM FILME BASTANTE RAZOÁVEL



Frank Sinatra merecia um «Oscar» pela interpretação de Frankie Majcinek (Machine para os amigos). «O Homem do Braço de Ouro» estreou em fins de 1955 nos EE.UU. Sinatra perdeu o prêmio para o também admirável Ernest Borgnine («Marty»).

SERIA difícil a qualquer diretor hábil, servido pelos extraordinários recursos técnicos de Hollywood, fazer um mau filme com a novela «The Man With the Golden Arm» e Frank Sinatra à frente de um elenco excelente. Otto Preminger, até há pouco apenas um diretor de certa habilidade, fez um filme incomum. Não o grande filme que o livro de Nelson Algren pedia, mas, sem dúvida, um candidato capaz de figurar na lista dos «Dez Melhores» por ocasião do balanço anual.

«O Homem do Braço de Ouro» quase ficou no papel. O «script» foi desaprovado pela censura (Código de Produção) da Motion Picture Association. Preminger levou avante o projeto, mas não conseguiu o certificado dessa poderosa entidade que reúne as grandes companhias americanas. Grande número de exibidores projetou o filme, apesar das pressões dos censores e condenação do Bureau Federal de Narcóticos. A boa recepção popular nos Estados Unidos abriu caminho ao sucesso mundial, confirmando o cartaz do nosso Rei Midas da indústria.

♦ **A OUTRA AMÉRICA** — E o braço de ouro do Midas-Preminger não faz apenas fortuna com os personagens de Nelson Algren. Eles surgem menos trágicos em última análise, menos grotescos, menos irremediáveis. Mas não são imobilizados em clichês como os que costumam povoar os filmes sobre viciados. A história de Frankie Majcinek, toxicômano, está na linha de «Farrapo Humano» (The Lost Weekend), sobre o alcoolismo. «O Homem do Braço de Ouro», como sinal dos tempos, é mais ousado e estende a pintura da degradação humana a todo um ambiente. Um bairro de imigrantes poloneses, é verdade, mas dentro de Chicago, um dos núcleos de prosperidade dos fabulosos Estados Unidos da América do Norte, em plena Era Atômica. A América em exibição não é «Cinema-scope» & «DeLuxe». É a miserável que existe dentro daquela América dos operários com automóveis. É a capital mundial dos toxicômanos.

E tão pesada quanto o «macaco» imaginário que vai às costas dos viciados é a culpa estampada na face de Frankie: «a grande, secreta e

especial culpa de não possuir nada, absolutamente nada, na terra onde propriedade e virtude são uma coisa só». Na cena em que Frankie (Frank Sinatra) e Molly (Kim Novak) brincam de marido e mulher em frente à vitrina que expõe uma «super-cozinha», o filme faz poesia com uma ponta de ironia amarga. Não deixa dúvida que, para Frankie e Molly, a «super-



Otto Preminger dirige um ensaio de Frank Sinatra e Kim Novak em «O Homem do Braço de Ouro». Natural de Viena, Preminger começou como ator sob a tutela de Max Reinhardt. Nessa qualidade, sua aparição mais recente foi o general alemão de «O Inferno N° 17».

cozinha» é tão inatingível quanto Robby, o criado eletrônico do «Planeta Proibido».

♦ **ATENUAÇÕES** — Por maior que seja a liberdade do cineasta americano fora do combate aberto ao «status» capitalista, não é possível a filmagem literal de uma obra como a de Nelson Algren. Seria impossível reunir aos toxicômanos, alcólatras, jogadores profissionais, prostitutas, marginais analfabetos e débeis mentais, o panorama da corrupção político-administrativa (conivência da polícia com os comerciantes do vício; intervalos de «dureza» às vésperas das eleições) e da miséria sem uma fímbria de esperança. A crueldade realista do livro é digna da imaginação sádica de um Clouzot («O Salário do Medo», que, entretanto, nunca seria capaz de transformá-lo em um filme com a objetividade, a honestidade, a recusa à demagogia que caracterizam Algren.

No filme existe um presídio de onde Frankie sai, no início, recuperado, otimista e com a profissão de baterista que poderá substituir a de carteador do jogo de Schwiefka (Robert Strauss). Existe um negociante que se dedica a auxiliar os que abandonam os entorpecentes. Existe a magnífica Kim Novak para aquecer o protagonista e curá-lo sem recurso a especialistas.

Na novela, a mulher de Frankie (Eleanor Parker) morre louca. Frankie, que a polícia procura pela morte do vendedor de morfina (heroína no filme), enforca-se num quarto sórdido de hotel. O filme não tem um final «cem por cento Hollywood», como opinou o Bureau Federal de Narcóticos dos EE.UU. Sem entrar em detalhes, convém observar que os opositores do «Homem do Braço de Ouro» têm suas razões. A lita é inverossímil e socialmente perigosa ao dar a impressão de que o toxicômano pode-se recuperar apenas com força de vontade e ajuda de qualquer pessoa dedicada. Aí e na solução do drama de Zosh (Eleanor), o «script» decepcionou.

♦ **GRANDE EQUIPE** — Da apresentação (desenhada por Saul Bass) à montagem e à interpretação do menor coadjuvante, «O Homem do Braço de Ouro» contou com uma equipe preciosa. A fotografia de Sam Leavitt é um prodígio de fluidez e segurança. A música de Elmer Bernstein é parte orgânica e inestimável da obra. A cenografia, toda de estúdio, não sente falta de ambientes «naturais».

Todo o elenco, da seleção dos tipos à direção, é um atestado de que Preminger conhece intimamente os personagens. Frank Sinatra tem a primeira oportunidade dramática realmente à altura do talento que lhe valeu o «Oscar» de coadjuvante em «A um Passo da Eternidade». Eleanor Parker o segue de perto, embora num papel ingrato e, no final, inaceitável. Kim Novak, ainda que muito diversa fisicamente da Molly original, tem atuação razoável.

Arnold Stang (Sparrow) e Darren McGavin (Louie) estão ótimos. Ambos vieram da televisão e McGavin já foi visto sem brilho em «Quando o Coração Floresce» (Summertime). Robert Strauss, habitualmente cômico, é bom, ainda que um pouco caricatural, como Schwiefka, o «banqueiro» de jogo, próspero quando tem como carteador «o homem do braço de ouro». George E. Stone vale o preço do ingresso numa ponta de sua especialidade: o jogador profissional consciencioso e almotadinho. Outros impecáveis: Doro Merande (Vi, a vizinha de Zosh) e Emile Meyer (Bdnar, o delegado).



Frankie (Sinatra) e Molly (Kim Novak) têm um grande obstáculo entre si: o sentimento de culpa do carteador, cuja esposa vive numa cadeira de rodas após um acidente quando ele dirigia embriagado.



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritas. Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RÁDIOS-NOVIDADES
-IMPORTADORES-



Mil

ELETRICIDADE
FREIOS HIDRÁULICOS
LIMPADORES PARARRISAS

Mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144

- ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO APROVADO -
- A MILIONÁRIA DO CASTELO -

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKAITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKAITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

ANTI
INFECTUOSA
I.B.M.

VACCINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. nº 731 13-3-1923



O "High Society" no carnaval

● O estado maior do "society" carioca parece que não é muito de carnaval. Poucas pessoas compareceram aos bailes de carnaval, e só no baile de gala do Municipal foram vistas algumas das mais conhecidas figuras da vida carioca. No baile dos artistas, encontramos o casal Hermelino Matarazzo, Helene devidamente fantasiada. No banho de piscina as melhores figuras do jovem "society" estiveram presentes, organizando uma festa divertida e suspense. No Copacabana (êste ano sem nenhuma celebridade de Hollywood) brincou-se à vontade. Mas o estado maior do "society" ficou em Petrópolis, comparecendo apenas ao baile do Quitandinha. Neste, podiam ser vistos além dos mais velhos, as "beauts" Heloiza Dolabela, Rozinha Serzedelo Machado (a doce e linda Rozinha), Vera Dolabela, Ilde Garavaglia e Gilka Serzedelo Machado. No Municipal, sim, é que "todo mundo" estava presente. Sr. e sra. Osvaldo Schuback (êle com uma rica fantasia de palhaço); o marquês de Segur (pulando enquanto a marquesa observava apenas); Ângela e Mônica Coimbra de Castro e Vera Lúcia Lins, fantasiadas de ciganas; o casal Mario Tamborindéguy, numa frisa quase tão concorrida quanto a do Prefeito; a sra. Augusto Frederico Schmidt, eufórica e satisfeita; o sr. Roberto



A senhorita Lúcia Cortez comanda um grupo

Carvalho (dono da esplêndida decoração do baile, recebendo cumprimentos de minuto a minuto); Antônio Maria (ausente e provando o quanto é querido e admirado pela sociedade carioca); e tanta gente mais que seria impossível enumerar.



Nelson Batista, diretor do Departamento de Turismo, organizou o mais "suspense" baile do Carnaval de 1957 no Municipal.



O conhecido diplomata venezuelano Carlos de la Madriz observa a pulação no baile do Copa. O Copa viveu uma noite realmente feliz.



O Marquês de Segur no baile do Municipal. pulou, pulou, pulou enquanto a jovem Marquesa observava.



devidamente fantasiado no banho noturno do Glória.

CONFIDENCIALMENTE: O paulista Decito Novaes esteve no Rio, e foi visto jantando sozinho no Sacha's. Enquanto isso a senhorita Rosinha Serzedelo Machado estava em São Paulo. Desencontro, apenas?

A senhorita Gilda Chamma depois de terminado seu noivado com



O colunista com a «beaut» loura Denize Leyroud, no banho noturno a fantasia na piscina do Glória.

Gossips



Raquel dos Santos Jacintho diz que vai esquecer definitivamente determinado senhor. Quem é ele? Gossips informa...

Virgílio de Góis, foi para Paris via Londres, onde passará um mês. Perguntei o motivo da viagem, Gilda respondeu: turismo. Essa viagem já estava marcada há dois meses atrás. Por outro lado, o nosso Virgílio prepara as malas para uma prolongada circulada por vários países da América do Sul.

O sr. René Ribeiro comprou a Crysler especial do sr. Tony Mayrink Veiga, e deu de presente à sua bonita e loura noiva. O casamento está marcado para abril.

Circulando em um grupo na «soirée-snob» o sr. Edgar Frias. Ele está se desquitando, e já mudou para o Copa.

A nova cor de cabelos da senhorita Sonia Walter é de muito mau gosto. Ela continua sem «date» e prestes a figurar na PRATELEIRA.

Raquel dos Santos Jacintho confidenciava na outra noite a uma amiga em um «night-club», que ia esquecer de uma vez o Ricardo. Então a amiga perguntou se era o Fazanelo; ao que Raquel respondeu: claro. Que outro Ricardo poderia ser.

O sr. George Saturensky de malas prontas para Paris. Determinada senhorita vai ficar saudosa.

O deputado paulista Maya Lelo, freqüentando novamente a «soirée-snob» carioca.

Vai «decolar» no fim do mês para os «States» o sr. Manoel Moraes de Barros Neto, Presidente do Clube Comercial.

O escritor Pandiá Pires comunica que está de casamento marcado. Para quando, Pandiá?

A esposa do Comandante Niemeyer esperando «baby». O Carlos está eufórico, pois trata-se do primeiro filho.

Os senhores Benjo Arbib (mais conhecido como o irmão de Irene Guinle) e o careca Gastão Veiga estavam de «cigarra» na Prateleira do Sacha's.

Até a próxima.
O GÉLOT continua em cima.

O PENSAMENTO

(Transcrito do «LIVRO RACIONALISMO CRISTÃO»)

O pensamento é uma vibração do espírito, uma manifestação da inteligência, um poder espiritual. Pensar é raciocinar, é criar imagens, conceber idéias, é construir para o presente e para o futuro; pensar é resolver, solucionar, descobrir e esclarecer. O pensamento é uma emanção do espírito proveniente da necessidade que este sente de expandir os seus conhecimentos, alargar os seus horizontes e de fortalecer, cada vez mais, os princípios morais que fôr adotando, de encarnação em encarnação, na rota da sua existência.

O espírito é força e, como tal, imprime força ao pensamento. Assim como o som e a luz percorrem o espaço em ondas vibratórias, também o pensamento faz o seu percurso em idênticas condições.

As vibrações do pensamento registram-se nesse oceano infinito de matéria substancial, e tornam-se conhecidas de todos os espíritos cujo estado de evolução permitir a sua interpretação.

Essas vibrações são perfeitamente percebidas à visão do espírito, desde o instante da sua emissão, e podem ser analisadas em toda a profundidade dos tempos. Daí, a impossibilidade de ser alterada a verdade na vida espiritual estranha a este mundo físico.

No livro da Vida, todo o processo da evolução está fielmente impresso, e nele se constata, em flagrante evidência, a maneira pela qual se desenrolam os acontecimentos adrede preparados conscientemente ou não; o modo pelo qual se verificam os sucessos ou insucessos, com fundamento em ocorrências consumadas anteriormente; ali estão registradas as consequências das boas e das más ações, o resultado dos pensamentos interiores ou elevados.

O pensamento precede toda a ação, por isso as boas ou más obras são produto de pensamentos de igual natureza. Diz um velho adágio que **quem mal faz para si o faz**. O pensamento fica ligado à fonte de origem enquanto permanecer o sentimento que o gerou.

É como que um fio, solto no espaço, uma antena flutuante em condições de captar pensamentos afins de seres encarnados ou desencarnados, animados dos mesmos interesse ou propósitos. Tal fio, se carregado de maus pensamentos, é condutor de correntes avassaladoras, condensadas na atmosfera deste planeta, pela grande pela grande interioridade espiritual predominante.

Estas correntes, postas em contacto com o ser humano, lhe produzem os mais sérios agravos, em distúrbios físicos e psíquicos. Os pensamentos de cada indivíduo são os veículos que promovem essa situação; logo, nada mais lógico, mais racional, uma vez conhecida esta força do pensamento capaz de produzir tão radicais transformações, tanto boas como más, na tessitura moral e material da criatura, que se entregue ela com todo o afinho, ao estudo e à prática dos princípios mantenedores da saúde física e mental, para usufruir os benefícios da boa orientação que imprimir aos pensamentos.

A educação da força de vontade tem importância fundamental na ação de governar os pensamentos. Animo forte para pensar e deliberar, são condições que se impõem. Temores e indecisões, conduzem ao fracasso e à ruína. O pensamento racionalmente otimista deve sempre prevalecer, porque é uma força capaz de demolir os mais assinalados obstáculos. Pensamentos de valor e de coragem, de firmeza e decisão, atraem outros pensamentos de semelhante formação, produzindo um ambiente favorável, leve, de confiança e de sucesso.

Nunca o espírito se deve deixar abater; um revés não significa mais que um incidente passageiro, e deve servir para chamar a atenção de algo que foi descuidado ou que era desconhecido. De qualquer modo, sempre há de haver uma lição a aprender de cada incidente que passa.

Na vida, nada acontece por acaso; tudo tem a sua explicação, o seu motivo, a sua causa, a sua razão de ser. Ninguém pode aprender somente com o sucesso; também se aprende, e muito, com o insucesso. A felicidade, o bem-estar, a boa disposição de espírito não seriam almejados com crescente intensidade, se não houvesse o sentido, a experiência, a prova de como são indesejáveis a miséria, a doença e o erro.

Diante disso, não há que esmorecer; o lema é sentir o mal para evitá-lo, para combatê-lo, para destruí-lo; conceber o bem para conquistá-lo, atraí-lo, mantê-lo integrado aos hábitos e costumes. Em toda esta política sobressai a ação do pensamento, que é a força motriz imperativa e de prodigiosa interferência na definição da existência.

A força do pensamento varia com a educação da vontade. Uma vontade fraca, anima um pensamento fraco, e vice-versa. Não será, pois, dando crédito e acolhimento às vibrações de origem enterniça, de pessimismo, de desânimo, de malquerença, de ingratidão, de ódio, de vingança, de perversidade e de indolência, que o indivíduo há de fortalecer o seu espírito. Estas vibrações, pelo contrário são ruins e entorpecentes.

A força do pensamento terá de ser cultivada com a saúde, o bom humor, o otimismo, como o sentimento fraternal. O seu cultivo baseia-se no poder da concentração. Para ser forte, o pensamento deverá ser claro, bem meditado, bem definido; assim, a realização dos desejos ou aspirações, é conseguida na proporção da nitidez dos pensamentos amadurecidos e emitidos com a proporção de uma vontade vigorosa.

(Conclui no próximo número)

FALANDO AO LEITOR

HÁ DOIS MESES («Revista da Semana», nº 2) declaramos que só trataríamos do caso de Fernando de Noronha, depois de estudá-lo completamente. Neste número apresentamos a reportagem «A verdade sobre Fernando de Noronha», um furo internacional sobre a questão. Tudo o que vai acontecer naquela ilha está contado com clareza e simplicidade. Leiam e escrevam, dando opinião.

★

NÃO SABEMOS, sr. Rodolfo Marques, os motivos que levaram o governo a nomear o sr. Barreto Pinto. Mas parece que a nomeação será anulada e o sr. Barreto Pinto ficará por aqui mesmo.

★

NOSSA ORIENTAÇÃO é inteiramente diferente, sr. Ernesto Fontes. Não buscamos impressionar o leitor por esse lado. Fazer sensação com o carnaval nunca nos passou pela cabeça. Mas se o sr. quiser pode passar aqui pela redação e ver a nossa coleção de fotos do carnaval de 1957. Ficará horrorizado ou satisfeíssimo. Depende do sr. mesmo.

★

VEJA COM atenção a reportagem sobre a Operação-Copacabana que apresentamos neste número. Séria, clara e expondo a questão com honestidade e imparcialidade.

★

NÃO PAROU não, sr. Italo Rocha Pôrto. A série de moças bonitas («as meninas que se transformaram em notícias») continua. Mas é que devido ao carnaval e ao calor, muitas saíram do Rio. Mas rapidamente retornaremos ao fio e recomeçaremos a série.

★

O SR. MILTON BORBA pergunta o que vieram fazer no Brasil os artistas americanos. Passear apenas, sr. Milton. Não houve festival nenhum, nem vai haver.

★

ESTÁ EM PONTO morto a questão do porta-aviões. Temos a impressão que o negócio caminha. Mas também pode ser que encontre obstáculos intransponíveis. E' o que podemos responder aos srs. Roberto Bitencourt e Paulo Souza Neves.

★

SOBRE ESSA questão, sr. Newton Carneiro, há mais boato do que outra coisa. Não existe (por enquanto) nada de concreto. Quando houver, publicaremos.

★

O SR. CINCINATO CARDOSO pergunta o enderço de Anita Ekberg. Não sabemos, sr. Cincinato. Mas o sr. perdeu uma excelente oportunidade de perguntar a ela pessoalmente. Pois Anita Ekberg (e o marido) estiveram até há pouco, hospedados no Copacabana.

★

NO NÚMERO PASSADO, condenamos a exibição, inútil e cansativa de crianças inocentes, no baile do Municipal. E até descrevemos uma fantasia e classificamo-la como «pijama metido a besta, com plumas mais que vulgares e cansativas». A mãe da menina pede uma retificação em nome «de seu orgulho maternal», e diz «que a fantasia não é um pijama metido a besta. Até que custou muito caro, com material de qualidade, das melhores procedências». Está feita a retificação quanto ao pijama (perdão, fantasia de luxo). Mas mantemos integralmente a nossa posição anterior em relação aos bailes infantis.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use **BEL-HORMON** nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BEL-HORMON** nº 2. **BEL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «**BEL-HORMON**»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

LEIAM

EU SEI TUDO

A VENDA

CR\$ 10,00

Sílvio Pirilo sem máscara

HÁ CRISE DE HOMENS NO FUTEBOL BRASILEIRO

POUCA COISA SE PODE FAZER
ENQUANTO A POLITICA DOMINAR O
ESPORTE — O QUE FALTA AO
FUTEBOL BRASILEIRO: HOMENS DE CARÁTER,
SINCEROS, FIRMES E LEAIS — OS
JOGADORES NÃO SE INTERESSAM MAIS
PELO ESCRITO — O MATERIAL HUMANO (JOGA-
DORES) E' EXCELENTE. MAS A
ORIENTAÇÃO QUE RECEBEM E' PÉSSIMA.

Reportagem de LUIZ AMARAL





SÍLVIO PIRILO

microfones casos particulares e transformam a crônica em exageros de defesas e ataques. A mística não existe no foot-ball carioca. Joga-se por jogar. A campanha de desmoralização surtiu (e continua surtindo) efeito. Crônica pessoal, mal orientada, até certo ponto irresponsável.

◆ ENDEUSAMENTO — Diz adiante:

— Durante esses cinquenta e poucos dias em que me mantive à frente da representação carioca senti também (e quanto!) a falta de apoio da nossa imprensa. Não existe o interesse firme da crônica esportiva guanabarina em torno do seu selecionado. Há alguns que se destacam por um trabalho constante e bem intencionado. Mas a maioria se mostra indiferente à sorte da equipe, ou se evidencia logo pelos ataques cerrados. Isso se explica pelo fato de ser a crônica esportiva metropolitana constituída em sua grande parte por elementos vindos de outros Estados — baianos, mineiros, paulistas, paraenses, gaúchos — cada qual defendendo, pouco ou muito, os interesses do seu selecionado, esquecidos de que atuam no Distrito Federal e que a ele devem solidariedade.

Já em São Paulo, por exemplo, não acontece isso. Fiquei assustado com o apoio irrestrito, incondicional, da imprensa paulista aos seus jogadores. Por eles são capazes de tudo. Não poupam sacrifícios. Abra-se um jornal de São Paulo, quando estiver em jogo o interesse do Estado, e se verá como estou dizendo a verdade. Os cariocas, ao contrário dos outros concorrentes ao título máximo do foot-ball brasileiro, nunca jogam «em casa». Jogar «em casa» para outros selecionados significa contar com a «colaboração» dos juizes e «bandeirinhas», presença da torcida em péso no Estádio, contar com os dirigentes ajeitando detalhes importantes, contar com a pressão moral de todos, como nos aconteceu em Belém, Belo Horizonte e S. Paulo. Os cariocas jogam em casa de todo mundo, menos na deles. Não têm esse direito. No jogo com os mineiros, no Maracanã, parecia que o estádio estava construído no centro de Belo Horizonte e que não havia um só guanabarin dentro ou fora do campo.

◆ PERSPECTIVAS PARA 1958 — Faltando pouco mais de um ano para a Copa do Mundo (Suécia), prevê Silvio Pirilo:

— Não posso negar que o material humano (jogadores) que desponta é excelente. No Rio, em São Paulo e Belo Horizonte há gente nova e capaz. Podemos destacar Altair, Benedito, Moacir, Pagão, Mazola, Gunga e outros. Bem conduzidos, sem os excessos de elogios da crônica, poderão esses elementos produzir o suficiente para a Copa do Mundo de 1958. Aliás, devo acentuar que convoquei alguns deles justamente com o intuito de produzir-lhes o «impacto psicológico da seleção». Uma simples convocação exerce no espírito do jogador efeito extraordinário, e, na segunda ou terceira convocação já se sente ele um veterano, sem os tremores e o nervosismo do iniciante.

O técnico aproveita a ocasião e explica:

— Se lancei mão de Altair no selecionado, foi por força das circunstâncias. Não pretendia aproveitá-lo tanto, como terminei aproveitando. Com Nilton Santos presente, Altair não teria chance de atuar entre os titulares. Mas aconteceu a indisciplina do Botafogo e não tive outra saída. De Altair desejava, apenas, que sentisse a «presença do selecionado». Nada mais.

— Sem um trabalho bem orientado, todavia, até 1958, não sei o que poderá acontecer à representação nacional. Não sinto o interesse geral dos dirigentes em torno da equipe. Existem esforços de alguns, mas inexistente a necessária coesão, o entendimento perfeito, unânime, o verdadeiro jogo de equipe. E estamos à porta da magna competição. Quando muitos concorrentes se encontram em plena fase de treinamento, tomando medidas acauteladoras, removendo obstáculos, procurando descobrir (e corrigir) pequenos detalhes, dando força à mística do selecionado nacional.

É de pasmar o que estamos assistindo, atualmente, no foot-ball brasileiro. Nunca o esporte viveu tão casado (mal) com a política. Mais uma doença num organismo enfêrmo. Enquanto perdurar essa péssima união pouca coisa se pode fazer, no «soccer» nacional. Esporte e política não se devem unir. Esporte é esporte, política é política. O mais grave, porém, é que a política só se une ao esporte a fim de explorá-lo. A demagogia campeia. Não vi, até hoje, nenhum favor da política ao foot-ball. Os diversos Estados do Norte e do Nordeste estão esmolando praças esportivas. Nada possuem. Nada lhe dão. O selecionado carioca teve de jogar no Pará em estádio pequeno, sem conforto e sem garantia de espécie alguma. O povo implora bons locais. Os «salvadores da pátria» não se interessam por isso — essas são palavras (amargas) do treinador Silvio Pirilo, numa análise sobre o foot-ball brasileiro.

— Há crise no nosso foot-ball — adianta o «coach» — Não de jogadores. Mas de independência. De valores. De homens.

◆ **FASE DE TRANSIÇÃO** — Silvio Pirilo tem 29 anos de atividades diárias no foot-ball 24, como jogador e 5, como técnico. Recordista de «goals» no Distrito Federal (43, no campeonato de 1941). Campeão pelo Internacional, de Porto Alegre, vice-campeão duas vezes, pelo Peñarol, tricampeão pelo Flamengo e campeão pelo Botafogo. Como treinador, campeão pelo Náutico, de Recife, vice-campeão pelo Fluminense e, afinal, vice-campeão brasileiro.

Após falar em crise, explica:

— Creio, todavia, que em todos, ou quase todos os setores da nossa atividade há falta de homens. Homens no melhor sentido da palavra. Homens de caráter, boa intenção, lealdade, sinceridade, firmeza. O esporte não poderia deixar de padecer dessa enfermidade generalizada. Vejo tudo isso com tristeza. Assisto, temeroso, a uma fase de transição do foot-ball brasileiro. Tomo ciência da falta de caráter e personalidade de muitos, mas, não me perturbo, fiel aos princípios que sempre nortearam minha vida. Pode ter a certeza de que não me afastarei, um milímetro sequer, da minha linha de conduta. Por nada. Por nenhum interesse de ordem econômica. Enquanto outros vivem se insinuando pelas Federações e Confederações, oferecendo servi-

ços, cuido com carinho do meu trabalho e das minhas obrigações profissionais. Dedico-me, mesmo com sacrifícios pessoais, de corpo e alma à carreira. Ao abraçar a profissão de técnico sabia, perfeitamente, das lutas que iria travar. Não estou arrependido. Mesmo desapontado com alguns homens, acredito no sucesso do esporte nacional. Ele é forte demais para ser destruído.

◆ **IRRESPONSABILIDADE** — Não sei se estou certo — prosseguiu Silvio Pirilo — mas defendo o ponto de vista de que deveria haver certo controle do Conselho Nacional de Desportos, no que se refere às entrevistas dos dirigentes concedidas aos jornais e emissoras, como também deveria haver alguma fiscalização para os próprios jornalistas. Digo isso, porque se condenam e caluniam homens sem o menor conhecimento de causa. Dirigentes e jornalistas afirmam que jogadores foram «dopados», que o médico nada entende, que dá injeções miraculosas nos atletas e ninguém toma uma providência para apurar a veracidade, ou não, da afirmativa. Ainda há pouco, disseram que o zagueiro Edson jogou no selecionado carioca sem condições físicas e que entrava em campo sob o efeito de injeções. Se verdadeira, isto seria um caso de polícia. Se falsa, também um caso de polícia. Mas ninguém se interessou muito por apurar o fato, devidamente, inclusive o próprio Conselho Nacional de Desportos, órgão oficial, encarregado de zelar pelo patrimônio esportivo brasileiro.

◆ **DESINTERESSE COMPLETO** — Em seu apartamento da Rua Inhangá, continua Pirilo:

— É notório o desinteresse dos jogadores pelo selecionado carioca. Fiquei triste ao observar esse fato. Não recebem eles a convocação como um merecido prêmio aos seus esforços, como uma passagem gloriosa de sua carreira. Não. Dizem, simplesmente: se for tal técnico, pedirei dispensa. Se for tal médico, ou massagista, darei um jeito para escapar. Não me interessa. Tudo isso é consequência das múltiplas campanhas desenvolvidas pela imprensa esportiva contra esse ou aquele treinador, contra esse ou aquele médico; contra esse ou aquele massagista. A desmoralização chegou a um ponto em que os profissionais já não mais acreditam em ninguém. E se ainda obedecem às ordens dos seus superiores, dentro dos clubes, é porque temem rigorosas multas. Do contrário seria uma anarquia completa. Ao invés de tratarem as coisas do esporte com toda a seriedade possível, certos cronistas esportivos, abusando de um direito que possuem, levam para as folhas dos jornais e

a
A
-se
ur-
al,

em
ca-
oio
me
do
am
do.
da
er-
ica
an-
sta-
es,
ou
ue-
e a

ece
in-
jo-
Não
São
do
de.
en-
un-
ou-
ola-
nça
os
con-
nos
ulo.
ndo,
ôgo
e o
Ho-
rino

ou-
ndo

ano
Rio,
va e
Moa-
con-
nica,
ente
levo
ista-
acto
oca-
aor-
ação
es e

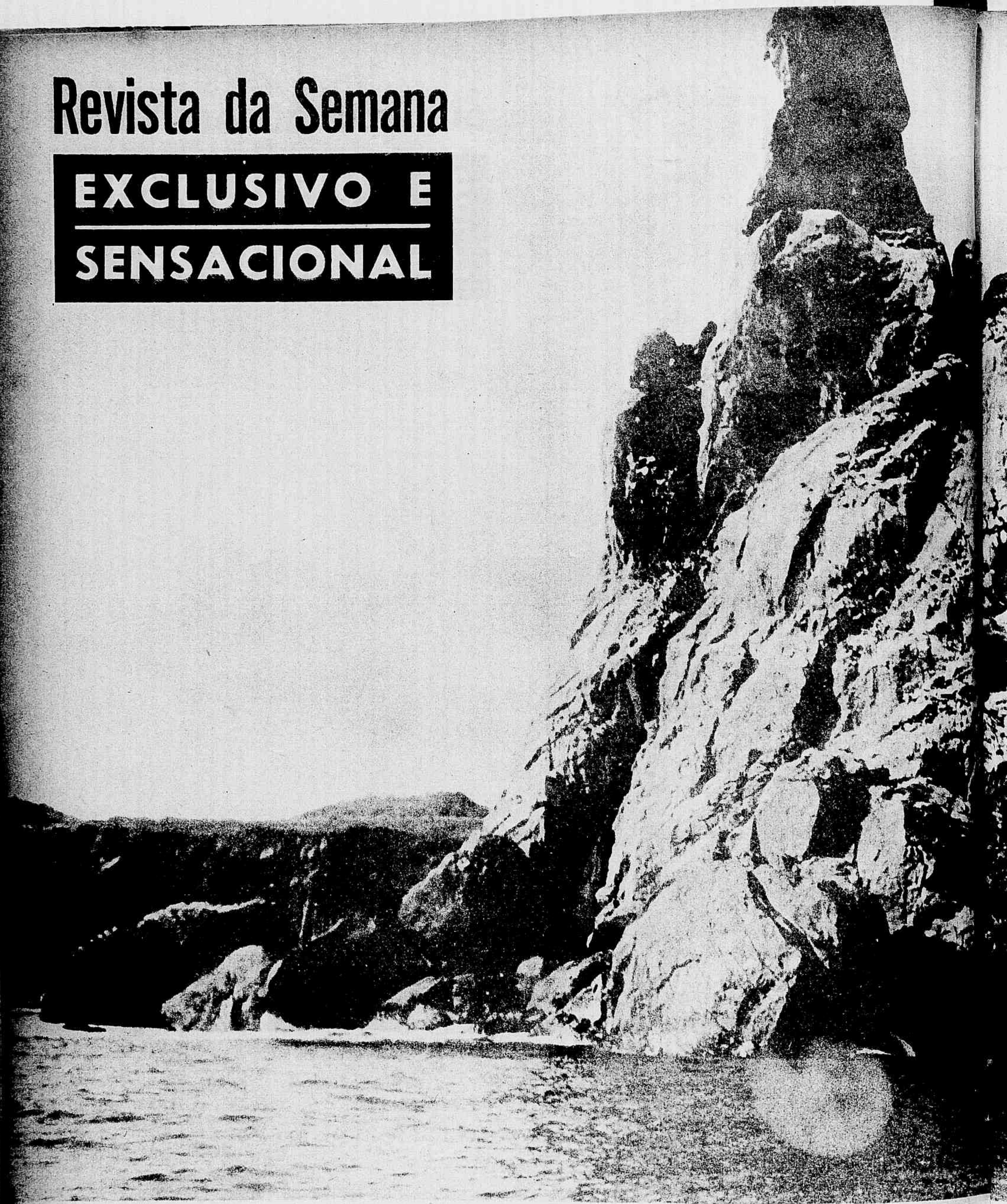
o, foi
ndia
ndo.
teria
con-
ou-
sen-
mais.
avia,
re-
ge-
stem
ária
ver-
a da
entes
o, to-
obs-
que-
ecio-



Como jogador, Pirilo já vestiu muitas camisas, mas sempre foi homem de se entregar inteira- mente à luta. Agora, como técnico, repete o que já havia feito como jogador.

Revista da Semana

EXCLUSIVO E
SENSACIONAL



A VERDADE SÔBRE



E FERNANDO DE NORONHA ▶



A ILHA QUASE DESABITADA VAI SE TRANSFORMAR NUMA IMPORTANTE BASE MILITAR ★ NÃO SERÁ APENAS UMA ESTAÇÃO DE TELEGUIADOS ★ A MAIOR E A MAIS MODERNA ESTAÇÃO DE RADAR DO MUNDO, VAI SER INSTALADA EM FERNANDO DE NORONHA ★ SERÁ CONSTRUÍDO UM HOTEL COM 12 PAVIMENTOS, UM CASSINO (COM ROLETA, BACARÁ E CAMPISTA) E INCREMENTA-

Reportagem de HELIO FERNANDES

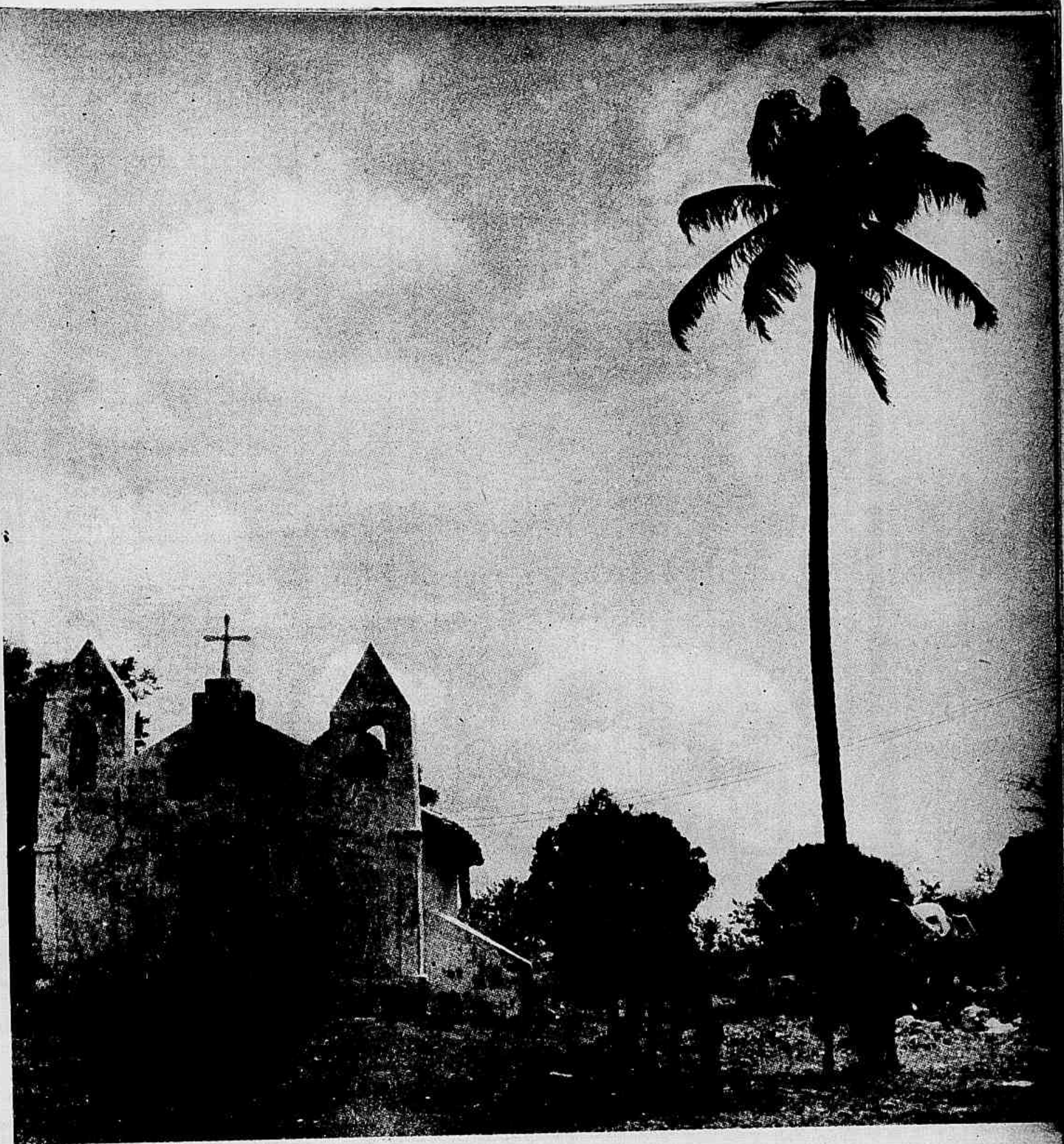
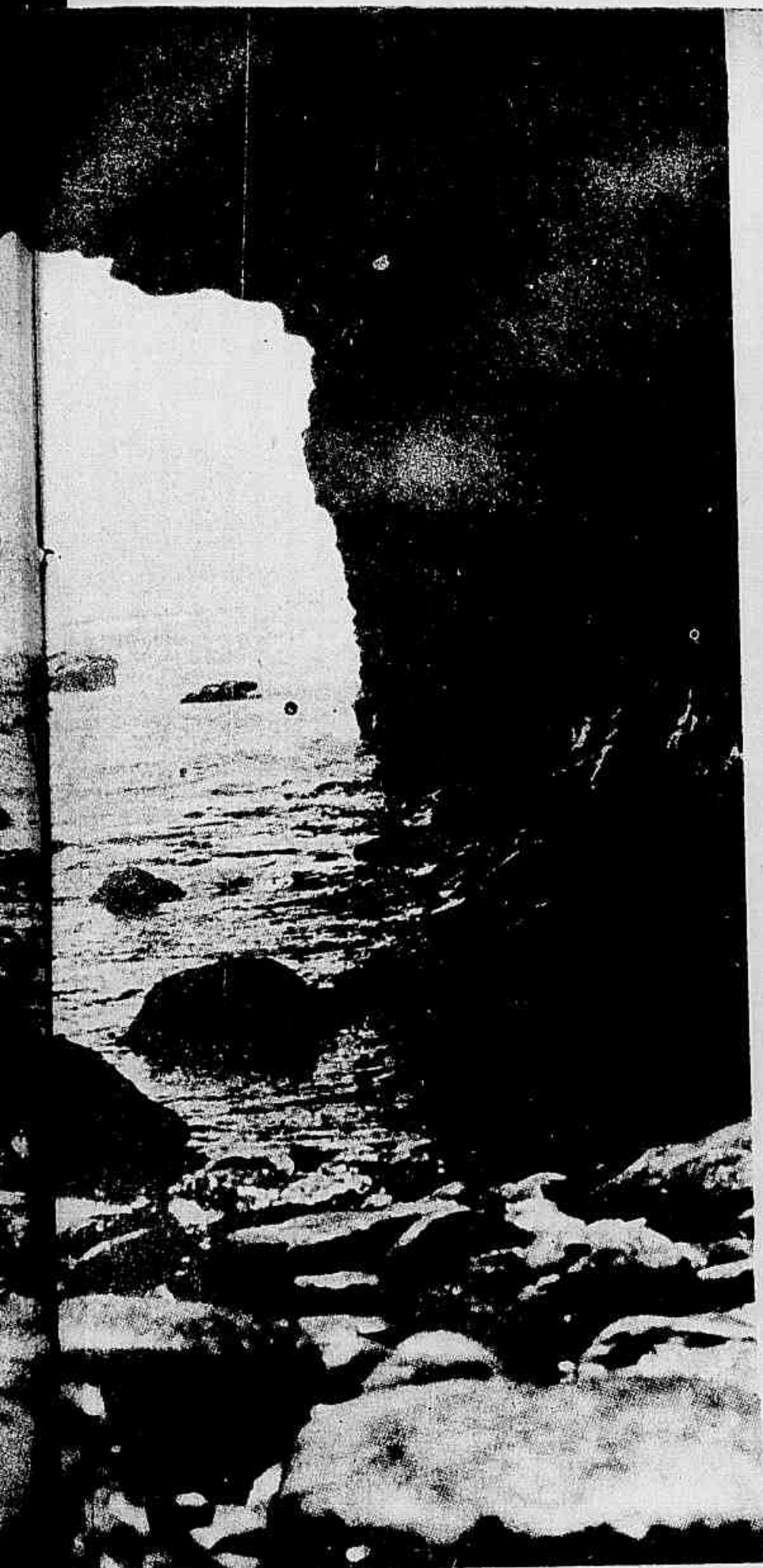
HA meses que Fernando de Noronha é o grande assunto do Brasil. Discute-se Fernando de Noronha nas ruas, nos facês, na imprensa e no Parlamento. Todo mundo se acha no direito de criticar «a barganha de Fernando de Noronha», a «cessão de bases para os americanos», «a quebra ultrajante de nossa soberania». Fala-se muito em teleguiados, em bases para foguetes dirigidos de longa distância. E mais nada. Hoje num furo internacional, «Revista da Semana», publica a verdade sobre Fernando de Noronha. Ei-la.

Tudo foi feito e combinado em sigilo. No dia 4 de janeiro de 1956, às 7 e 30 da manhã, tomando suco de laranja, ovos e presunto, o presidente Eisenhower tocou pela primeira vez no assunto, conversando com o então presidente-eleito (e ainda não empossado) do Brasil, Juscelino Kubitschek. O encontro foi rápido (durou 25 minutos) e nada foi resolvido. Foi apenas uma tomada de contacto com o assunto. Encontro cordial, com os dois presidentes muito interessados em se agradarem mutuamente. Em Nova York o assunto foi novamente ventilado, mas o sr. Juscelino Kubitschek se esquivou, alegando a sua condição de presidente ainda não empossado. E não se falou mais nisso durante a viagem. Mas o assunto progrediu, e os americanos não fizeram nenhuma tentativa de esconder para os brasileiros, o enorme interesse que tinham na questão.

Nos meses que se seguiram o assunto foi fartamente discutido. Mas

como é da melhor tradição diplomática brasileira, tudo foi sendo tratado lentamente, numa enervante e incompreensível submissão à burocracia. E de tal maneira o assunto se arrastava, que no dia 27 de dezembro de 1956, o presidente Eisenhower enviava uma carta particular ao presidente Juscelino, carta essa que levaria 32 dias para ser respondida. (Foi inclusive o teor dessa carta e a demora na resposta que obrigaram o embaixador Amaral Peixoto a viajar para o Brasil, aparentemente para pacificar o PSD). Nesta reportagem não contaremos (ainda) os detalhes das negociações, a participação do sr. José Carlos de Macedo Soares, as consultas com a oposição, a posição do sr. Vieira de Melo, as conversas do marechal Dutra com o embaixador americano, as censuras telefônicas, e muitas outras coisas. O que interessa a esta reportagem é apenas o resultado a que se chegou e o que acontecerá em Fernando de Noronha.

Fernando de Noronha desempenhará um papel importantíssimo nos próximos acontecimentos mundiais. Os americanos manterão ali um efetivo de 5 mil homens e é fácil de perceber que tão grande contingente de soldados (e não de técnicos) não será utilizado para controlar a trajetória de foguetes. 17 milhões de dólares (mais do que o dinheiro circulante em todo o Estado de Pernambuco), serão empregados na construção de instalações, a ser iniciada em breve. A ilha terá 196 mil metros quadrados de calçamento, entre pistas de aterrissagem e estradas asfaltadas. Vinte e quatro (24) pavilhões gigantescos servirão de alojamento para as tropas. (Cada um desses pavilhões está orçado em 5 milhões de



**DO O TURISMO ★ 5 MIL HOMENS O EFETIVO NORTE-AMERICANO PARA A ILHA
★ 196 MIL METROS DE ESTRADAS ASFALTADAS, 24 PAVILHÕES GIGANTESCOS
PARA ALOJAMENTO E 60 POÇOS ARTESIANOS ★ TUDO ISTO ESTARÁ PRONTO
EM 14 MESES ★ DETALHES E INFORMAÇÕES DIVULGADAS PELA PRIMEIRA VEZ
E QUE EXIGIRÃO RESPOSTAS CLARAS E PRECISAS DO MINISTÉRIO DO EXTERIOR**

de HELIO POLITO LOPES

cruzeiros). Sessenta (60) poços artesianos com 290 metros de profundidade, fornecerão a água potável para os habitantes da ilha. A abertura de cada poço levará apenas 8 dias. Um confortável hotel com 12 pavimentos servirá de moradia para os oficiais americanos e para as autoridades visitantes. Um grande cinema já está projetado (com tela panorâmica e cinemascopo). Na Ilha Rata (junto a Fernando de Noronha) haverá um grande subterrâneo para a guarda de material bélico. Nessa mesma Ilha Rata, será instalada uma estação de rádio e radar, ultra-moderna e de acordo com os planos, considerada a mais possante do mundo.

Todos esses estudos foram concluídos em outubro passado, quando estiveram em Recife 5 representantes de firmas construtoras americanas, acompanhados de alto funcionário do Departamento de Estado. (Provavelmente o Itamarati nem sabe disso). Esses representantes foram fazer uma tomada de contato com os preços do mercado nordestino, a fim de apresentarem suas propostas na concorrência que se organizou nos EE. UU., e cujo encerramento se verificou a 20 de novembro passado. É importante frisar que apenas o material técnico virá dos EE.UU. Tijolos, cerâmica, pedra e todo o resto necessário a uma construção dessa ordem será adquirido nas praças mais próximas a Fernando de Noronha. Pois desde já os técnicos americanos adiantam, que o Estado de Pernambuco (sózinho), não estará em condições de fornecer, dentro do prazo previsto, todo o material exigido pelas construções.

14 meses serão gastos na conclusão deste plano de obras que terá início dentro em pouco, com a instalação das Docas, que virão pré-fabricadas dos EE.UU. 1.500 operários brasileiros trabalharão nessas obras Regime: 10 horas de trabalho por dia. Após cada 30 dias de trabalho, terão 8 dias de descanso (remunerado) fora da ilha.

Outra informação interessante: será instalado em Fernando de Noronha um cassino moderníssimo, com roleta, bacará, campista e «seven eleven» (uma modalidade do brasileiro jogo de dados, mas muito mais feroz e desumana). Uma firma americana já está encarregada da exploração do jogo e já trata inclusive da instalação do cassino. Como o jogo é proibido em todo o território brasileiro (desde o famoso decreto 854, do marechal Dutra), a que título funcionará esse cassino? Eis uma das muitas informações que o Itamarati terá que prestar à opinião pública.

Esta é a verdade sobre Fernando de Noronha, a ilha que vai desempenhar um papel importantíssimo na defesa do hemisfério. Não como simples estação para controle de projéteis teleguiados, mas como uma grande e possante base militar. Só não entendemos o mistério que fizeram em torno da questão e o porquê de tentarem embair a opinião pública. Voltaremos ao assunto.



Ângela Maria em entrevista exclusiva:

TENHO MÊDO DE PERDER A VOZ

A CANTORA VIVE PREOCUPADA COM SUA GARGANTA ★ É A MULHER MAIS BEM PAGA DO BRASIL ★ MAS DIZ
★ UM POUCO DE SUA HISTÓRIA ★ DA CASA EM VILA ROSALI AO APARTAMENTO LUXUOSO DE COPACABANA ★ FOTOS NA
PRAIA, DE MAIÔ, SUGERIDAS POR ÂNGELA MARIA MESMO

Reportagem de LUIZ SODRÉ

Fotos de HÉLIO POLITO e AYMORÉ MARELLA

PASSOU um automóvel Cadillac pela rua. Na direção, um motorista de boné, todo imperitigado. No banco de trás, sentada, uma morena, côr de sapoti. O menino na calçada gritou:

— «Lá vai a Ângela Maria».

Era a cantora mais bem paga do Brasil que passava.

Estava um pouco diferente daquela moça que trabalhava numa fábrica de tecidos e morava em Vila Rosali, uma estação depois de São João de Meriti.

Nas horas vagas, cantava no cântico da Igreja Batista. Treinava, sem saber, para se transformar na melhor cantora do Brasil. Sem imitar ninguém, sem copiar estilo ou entonação de voz.

Um dia tentou o programa de calouros, e não se sabe por que resolveu imitar Dalva de Oliveira. Mais tarde, voltou a ser ela mesma quando descobriu que sua voz era muito melhor do que a daquela senhora.

Era pobre e precisava ganhar mais dinheiro. Foi ser cantora do Ave-

nida Danças, na avenida Rio Branco. Foi subindo. Francisco Alves ouviu e gostou. Levou a moça para o rádio.

Em 1952 teve seu primeiro contrato. Em 1953 era princesa do Rádio, no concurso que se realiza todo ano. Em 1954 candidatou-se, outra vez, e foi eleita «Rainha do Rádio», com mais de 500 mil votos de vantagem sobre a segunda colocada.

Ficou noiva de Milton, que passou a ser seu empresário. Começou a ganhar dinheiro em larga escala. Cantava aqui, ali, em parque de suburbio, em estação de rádio, no interior, fez temporada em Montevideu. Cada exibição: Cr\$ 10 mil.

Comprou apartamentos — mora num na rua Barata Ribeiro, luxuosíssimo. Comprou automóveis e cinco vestidos por mês.

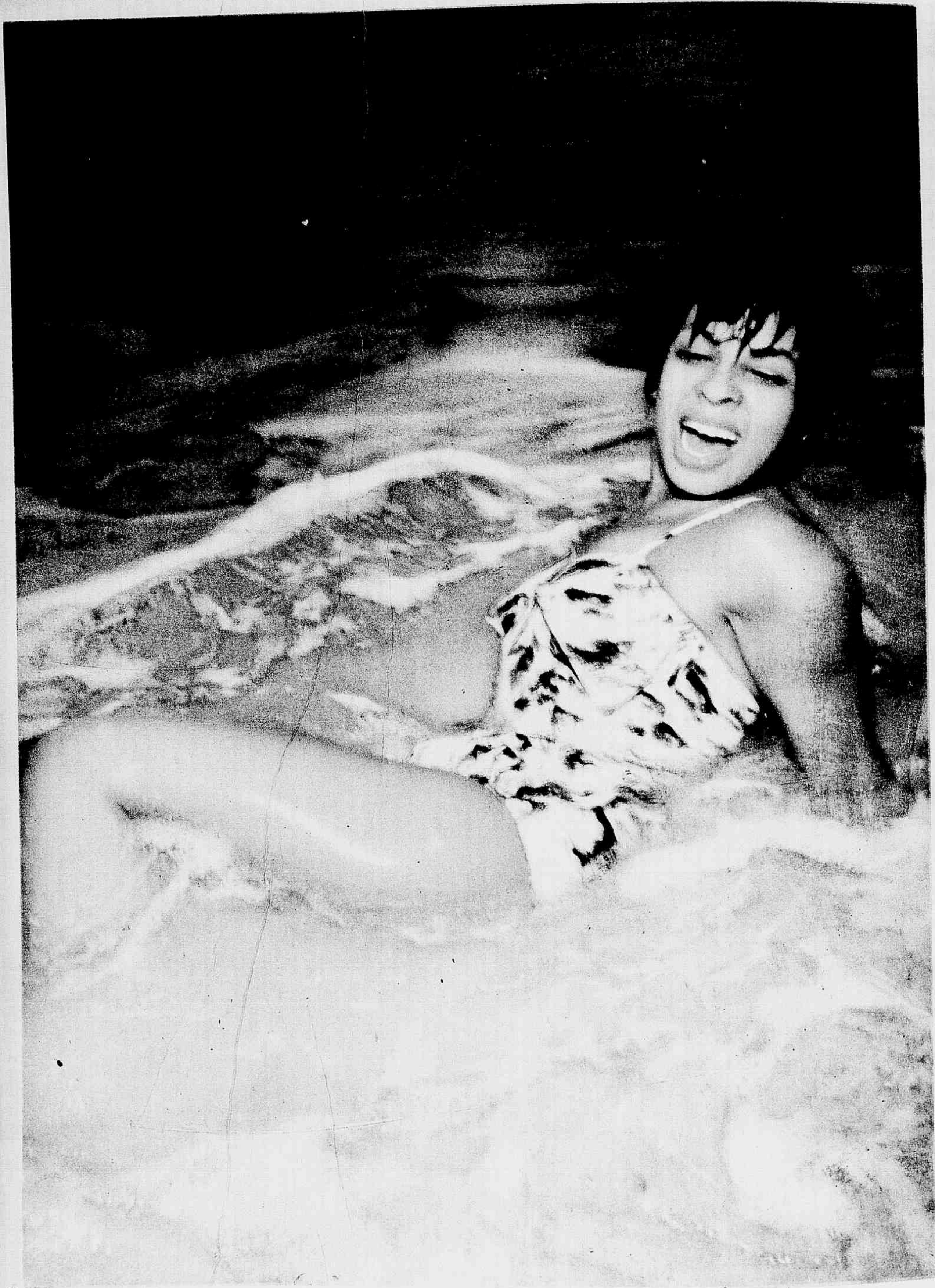
Canta de manhã, de tarde e a noite. Sempre com os mais altos salários do rádio brasileiro.



«Há 1 ano que não gozo um momento de descanso como éste, diz Ângela Maria na praia, gozando uma sombra.



Angela Maria vive apavorada com a possibilidade de perder a voz. Seus momentos de descanso são poucos, e mesmo quando o médico mandou que parasse de cantar por 20 dias, sua resistência foi grande.



ÂNGELA MARIA

«No mar minha alegria é total», diz Ângela ao repórter. «Volto a ser criança novamente, a brincar e a pular contente». E sua fisionomia confirmava tôdas as suas palavras.



Em 1955, ganhou mais de Cr\$ 3 milhões, em tôdas as suas exhibições. Agrada desde a «gente bem» até ao mais humilde.

No ano seguinte, continuou — mais do que nunca — a ganhar dinheiro e a não se poupar no trabalho. No meio do ano, brigou com o noivo, mas não parou de cantar. Sem férias. Rádio, teatro, cinema, parque, circo, televisão, excursões.

Ângela Maria tem 1,50 de altura, 26 anos de idade e uma pressa louca de ganhar dinheiro, um medo danado de ficar pobre outra vez, de passar fome, de não saber o que lhe reserva o dia de amanhã.

Quando os médicos lhe informaram que precisava passar, no mínimo, 20 dias com a boca fechada, sem cantar, e falando o mínimo possível, Ângela Maria saltou. Tudo menos isso.

Tem tamanho medo de perder a voz, que o choque operatório poderá inibi-la de tal forma, que nunca mais cantará. Não quis a operação. Preferiu o tratamento pela mudez.

Mas não parou muito. 20 dias apenas, e ei-la novamente em excursões que parecem não terminar jamais. E foi em Natal, que o repórter Hélio Polito Lopes se encontrou com Ângela e resolveu tirar umas fotos diferentes. Foi a própria Ângela que sugeriu a praia de Areia Preta.

— Estou com uma vontade louca de tomar banho de mar. Além disso você pode tirar umas fotografias diferentes das que o público está acostumado a ver a meu respeito.

E assim surgiram as fotos de maiô que o público está vendo nesta reportagem.

Ângela é jovial, alegre, comunicativa, simpática, boa praça mesmo. Vem conversar com o repórter e diz:

— Sinto-me satisfeita e feliz quando posso brincar com o mar. As ocupações são tantas, as obrigações tão diversas, que às vezes esqueço que sou humana. Ninguém pode avaliar o que significa para mim uma tarde sem fazer nada, entregue a mim mesma sem preocupações de espécie alguma. Por isso você está me vendo quase como uma criança, pulando, correndo, saltando, brincando. Tenho andado preocupadíssima, e nos últimos meses este é o meu primeiro momento de descanso. Vivo apavorada com a minha garganta, e com a possibilidade de ter que operá-la. Não é por medo ao bisturi ou por falta de confiança nos médicos. Nada disso. O que me faz tremer de medo é que depois da operação minha voz se modifique ou desapareça completamente, como já aconteceu com outros cantores. É verdade que com o descanso de 20 dias que me foi imposto, melhorei.

Essa é a Ângela Maria que o público desconhece. Uma Ângela Maria real, verdadeira, autêntica.

A Ângela Maria que recusou convite para uma festa na casa de um dos homens mais importantes de Natal, alegando que tinha que terminar esta entrevista. E como o homem estranhasse, ela explicou:

— Primeiro a imprensa. Eu e ela andamos de braços dados e somos amigos incondicionais.



A fotografia mostra o momento em que eram servidas as primeiras refeições no Restaurante Central da Praça da Bandeira, depois de inteiramente reformado e ampliado. O senador Attilio Vivacqua recebe a primeira bandeja, seguido do dr. Gabriel Vivacqua, diretor-geral do SAPS, e do dr. José Benjamim Costa, diretor-executivo da autarquia.

O SAPS NO ATUAL GOVÊRNO

NO transcurso do 1º ano do atual governo, o SAPS procurou, nos limites de suas possibilidades e com o mais alto espírito de cooperação, cumprir as instruções emanadas da Presidência da República, no sentido de proporcionar aos trabalhadores em particular, e ao povo brasileiro em geral, alimentação nutritiva, racional e barata. Assim, as finalidades precípuas da autarquia foram plenamente atendidas.

Basta relacionar as seguintes realizações levadas a efeito pelo SAPS em 1956, ou, mais exatamente, nos poucos meses da sua atual administração: 118 novos postos, instalados em todo o país, para a venda de gêneros alimentícios; 3 novos super-mercados; 12 novas agências; 2 grandes armazéns distribuidores; reconstrução do antigo super-mercado da rua Elpidio Boas-Morte, nesta capital, há pouco tempo parcialmente destruído por um incêndio; completa reforma e ampliação das instalações do Restaurante Central da Praça da Bandeira, cuja capacidade passou de 6 para 12 mil refeições diárias; supressão de 130 mil refeições diárias, gratuitas, que não se destinavam aos trabalhadores previdenciários, eliminando-se, desse modo, uma

das causas do «deficit» da autarquia; adoção do regime de concorrência para todas as aquisições da entidade; cooperação da autarquia à notável obra das Pioneiras Sociais, presidida pela primeira dama do país, dona Sarah Kubitschek, que tem prestado assistência a milhares de filhos de previdenciários.

Além dessas, uma das mais notáveis e recentes realizações do SAPS, destinada a exercer destacada influência nos planos de construção da nova Capital Federal, foi a instalação em Brasília de um restaurante dotado de todos os requisitos técnicos e condições de conforto, de forma a constituir-se em obra definitiva. A festiva inauguração desse importante empreendimento deu-se no dia 17 de fevereiro último, e lá estiveram presentes o diretor-geral do SAPS, dr. Gabriel Vivacqua, o sr. Angelo Milazzo, representante do governador do Estado de Goiás, o secretário de Agricultura do governo goiano,

Na reabertura do Restaurante Central da Praça da Bandeira foram inaugurados os retratos do presidente Juscelino Kubitschek e do vice-presidente João Goulart.



outras autoridades e grande número dos trabalhadores empregados na construção de Brasília. Como bem acentuou o dr. Gabriel Vivacqua, em discurso pronunciado naquela solenidade, «o restaurante que se inaugurava em Brasília representava, primeiro, o perfeito entrosamento dos serviços do SAPS na Batalha da Alimentação dirigida pessoalmente pelo presidente da República e cuja finalidade é proporcionar no ano em curso alimentação farta e barata ao povo brasileiro, e segundo, uma apreciável contribuição à futura capital do país.»

No «hall» do edifício-sede da Estrada de Ferro Central do Brasil, o SAPS instalou a sua Primeira Exposição de Estudos e Motivos Alimentares, destinada a oferecer ao povo, de modo direto e por meios acessíveis ao leigo, conhecimentos relativos à ciência da nutrição e a divulgar os resultados de estudos e pesquisas dos órgãos técnicos da autarquia, no campo científico. Partindo da alimentação do índio, passando pelo período colonial, até aos hábitos alimentares formados em consequência das três influências predominantes (africana, indígena e européia), essa mostra do SAPS, sem paralelo em nosso país, oferece aos estudiosos dos problemas da nutrição e ao povo em geral uma visão panorâmica e esquemática da evolução da alimentação no Brasil. Através de peças anatomo-patológicas de cera, demonstra, quase de modo real, as doenças resultantes de carências e deficiências alimentares.

Superando dificuldades e transpondo obstáculos, vai o SAPS cumprindo, de modo objetivo e real, a parte que lhe toca na obra de amparo e assistência ao trabalhador brasileiro, cooperando decisivamente com o governo na ingente tarefa de promover a grandeza e o progresso da Nação.



O dr. Gabriel Vivacqua, diretor-geral do SAPS, entrega a um trabalhador a bandeja com a primeira refeição servida no restaurante recentemente inaugurado em Brasília.



O diretor-geral do SAPS mostra ao vereador Edgard de Carvalho um detalhe da Exposição de Estudos e Motivos Alimentares, instalada no «hall» do edifício-sede da Central do Brasil.



O senador Attilio Vivacqua presidiu a inauguração das novas instalações do Restaurante Central. Vê-se o eminente parlamentar e jurista dando suas impressões ao microfone.



Gina Lollobrigida no limiar da maternidade:

QUERO QUE MEU FILHO SEJA PREPOTENTE, CORAJOSO E COMBATIVO

PRIMEIRO A SABER DA NOTÍCIA: VITTORIO DE SICA — EM JULHO A CHEGADA DO HERDEIRO — GINA QUER UMA MENINA, MAS O MARIDO PREFERE UM MENINO — E SE FÓSSEM GÊMEOS SERIA A FELICIDADE COMPLETA — GINA FICOU MAIS BONITA COM A ESPERATIVA DE SER MÃE — O MARIDO DE GINA VAI ASSISTIR AO PARTO NA QUALIDADE DE MÉDICO, PROFISSÃO QUE ABANDONOU HÁ OITO ANOS — UM DOS GRANDES ACONTECIMENTOS DE 1957

Reportagem de DANIELO GAURESCHI

◆ Depois de Milko Skofic, o primeiro homem a saber a respeito do filho de Lollobrigida foi Vittorio De Sica. Apenas passado o natal, a atriz chamou-o pelo telefone. Os dois mantinham contato há várias semanas por causa da história de «Le Bambole» (Os Bonecos), filme que assinalará a volta de Vittorio De Sica à direção cinematográfica. De acordo com a prognose, o filme, no qual pela primeira vez Silvana Mangano e Lollobrigida trabalham juntas no papel de duas artistas de variedade, deveria ser iniciado em fins de julho.

Com esse telefonema, Gina pedia que o famoso diretor prorrogasse o início do trabalho; em julho não lhe era possível enfrentar a câmara, e por isso renunciava ao seu papel. Inicialmente, Vittorio De Sica ficou aborrecido: era fácil pensar que Gina quisesse impor um capricho. E dirigiu-se à atriz com toda a franqueza. Ao que Lollo respondeu sorridente: — Não se trata de um capricho. A verdade é que estou esperando um menino, ou antes, uma menina, o que me agradaria mais ainda: deverá nascer em julho.



Milko Skofic, o ciumento marido de Lollobrigida só age em função do herdeiro que vai chegar. Cerca sua mulher de cuidados extraordinários e organizou um programa de repouso que vem sendo seguido rigorosamente.



Gina, considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo, entusiasmada com «o brôto», prepara suas roupinhas.

GINA LOLLOBRIGIDA

E continuou sorrindo, feliz da vida.

Poucas horas depois, obtida de De Sica a promessa de que «Le Bambole» não seria iniciado antes de setembro, o casal Skofic deixava Roma. Gina e Milko se refugiaram numa pequena cidade do sul da Itália entre um lago e o mar.

A PUBLICIDADE

Para fazer a sua publicidade, Gina conta com a opinião pública, com os jornalistas, com os colegas e com os produtores: mesmo quando se trate de dar a luz a um filho, a propaganda deve ir na frente. Gina devia fazer tudo para que a notícia fosse divulgada da maneira mais simpática e com a maior rapidez possível, a fim de emocionar o público. Então, o casal resolveu que ela concederia uma entrevista coletiva à imprensa na pequena cidade do sul. Entretanto, quando os dois voltaram à Roma a fim de organizar o encontro com os jornalistas, a notícia da maternidade da atriz já havia chegado a todas as redações. Vittorio De Sica havia sido o autor da indiscrição.

A história do cinema internacional registrará o ano de 1957 como o ano da «operação baby». Fevereiro viu o filho real de Grace Kelly. Julho verá a «Gina Nacional» se transformar em mãe. E antes do Natal, segundo as previsões de Hollywood, Marilyn Monroe deverá enfrentar as dores e alegrias da maternidade.

Na casa dos Skofic, já não se fala mais sobre cinema, filmes ou qualquer outro assunto. O tema principal das conversas familiares é o filho que vai nascer. O marido quer que seja homem. Mas Lollo prefere uma

Na costureira, Lollobrigida examina a cintura para constatar os «progressos» que o herdeiro vai fazendo.

menina. E se fossem dois gêmeos, a felicidade de ambos estaria completa.

GINA ESTÁ AINDA MAIS BELA

A felicidade parece haver tornado Gina ainda mais bela. Durante a entrevista concedida à imprensa em sua casa de campo, a atriz se apresentou muito atraente: os olhos tinham um brilho diferente e o rosto uma coloração suave. Transbordava de alegria.

Banido das discussões familiares o assunto cinema, todas as palestras passaram a girar em torno do estado da atriz. Como deveriam transcorrer esses longos meses de espera? Ela queria repousar ao máximo, retirar-se da vida mundana, refugiar-se numa montanha e aguardar o acontecimento, lendo, ouvindo música, e recebendo os amigos e parentes. Skofic, ao contrário, era de opinião que ela devia continuar no mesmo ritmo de vida, empreendendo suas viagens, praticando esportes e caminhando muito.

Em meio a todas essas discussões, pelo menos em um ponto o casal estava de pleno acordo: a criança devia nascer numa montanha. Ainda não haviam decidido qual delas. Mas talvez escolhessem os Alpes ou qualquer estação d'água nos Apeninos. Tudo isto prende-se ao fato de que foi numa montanha que Milko e Gina se casaram.

MILKA OU PAULINA

— Prefiro que seja uma menina — declarou Gina. — Seu nome será Milka ou Paulina. Quero que seja uma menina prepotente, corajosa e

Lollobrigida e Milko estão felicíssimos. Há anos que eles esperam ansiosos a chegada desse momento único.





Os dois no jardim da Vila Appia antiga, onde se encontram descansando. Milko faz planos de assistir ao parto.

combativa, para que não venha a ser uma mulher fraca como eu. Somente sendo forte não se deixará vencer pelas maldades da vida. Quero que possua um caráter rígido e que faça sempre o que lhe vier à cabeça.

Milko está tratando Gina com imensa ternura. Desde quando a esposa lhe declarou que estava «esperando» que ele se tornou mais dócil, e perdeu mesmo aquela expressão de severidade. Onde está o autoritário morido, sem o conselho do qual Gina não ousava abrir a boca? Encontra-se quase sempre ao lado dela e já entrou em contato com os maiores ginecologistas da Europa.

Alguns meses antes do parto, acompanhará a mulher a Svizzera, por-

que Roma estará muito quente nessa época, e Paulina nascerá provavelmente numa clínica perto de Losanna. Por essa ocasião, vestirá uma roupa branca e assistirá ao parto na qualidade de médico, profissão que abandonou há mais de oito anos.

GINA — INSTITUIÇÃO INTERNACIONAL

Tôdas as vêzes que se anunciava que Gina ia ter um filho, a imprensa se alvoroçava, e a atriz recebia milhares de cartas indagando da veracidade do fato. Gina permanecia em silêncio. Mas agora que a coisa



JUNDIAI

36

VIAGENS POR DIA

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885
Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 65
Fones 34-2399 e 36-6402
Parque D. Pedro II, 1.092
Fones 32-8733 e 34-5393

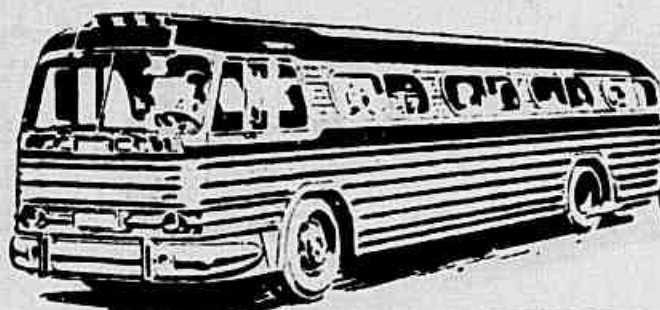
JUNDIAI

Rua do Rosário, 277 - Fone 1111

das 6,30
até 21,30 hrs.
de hora em hora



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida.

AZASO - EB-4

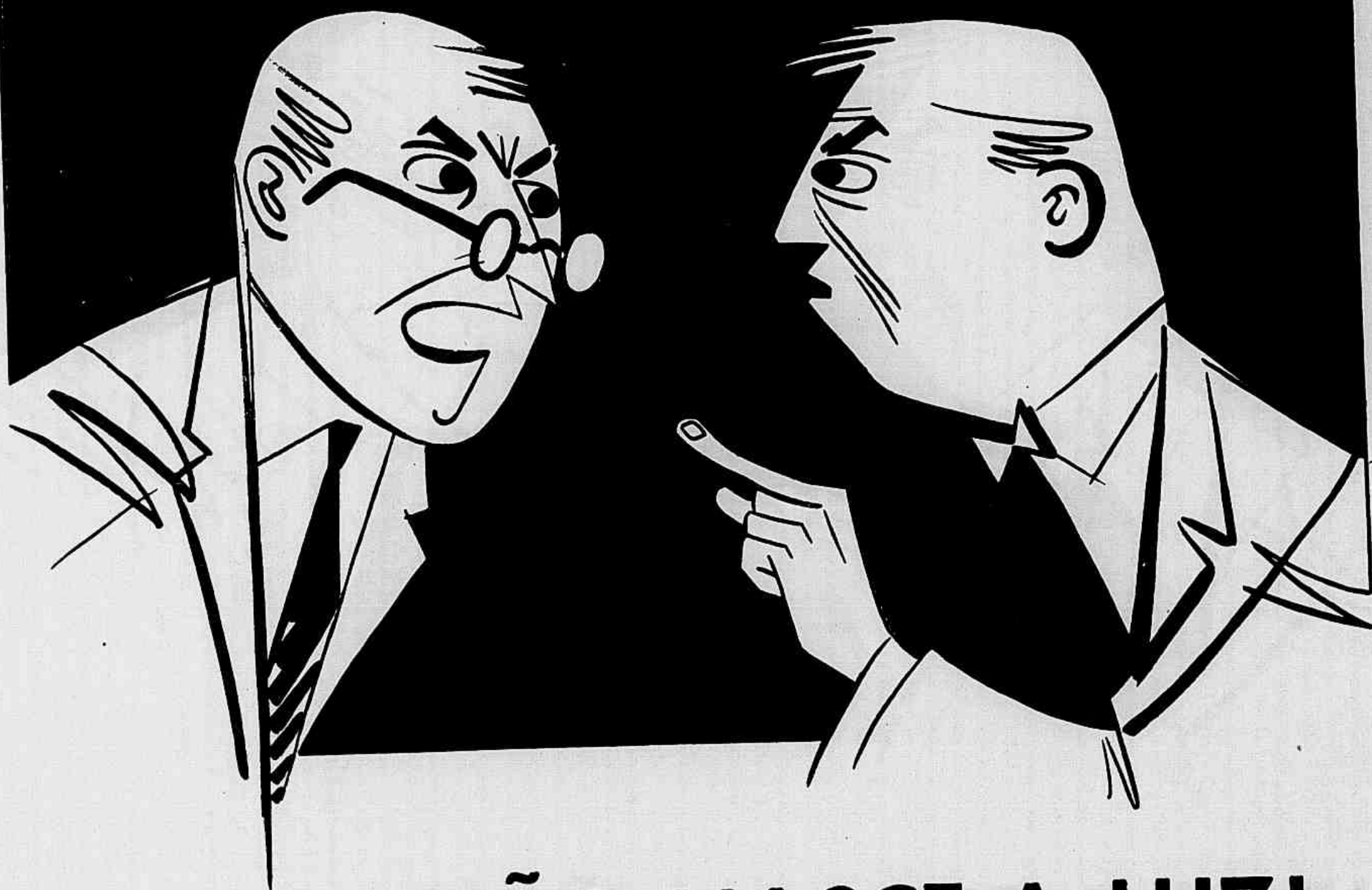
GINA LOLLOBRIGIDA



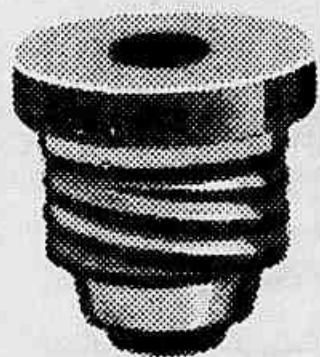
era mesmo verdadeira, sentia-se imensamente satisfeita ao receber correspondência. Desta vez, chegaram inclusive dois telegramas do «outro lado da cortina de ferro»: um deles proveniente da redação do «Sovietskaja Rossia», jornal de Moscou, e outro do «Moskvisch», de Varsóvia. Este último trazia resposta paga e estava endereçado a Djina Lollobrigida, Praça de São Pedro. Trocaram o endereço da atriz com o do Papa, o que vem atestar que Gina já não é mais uma «instituição nacional», mas internacional.



DA DISCUSSÃO...



...NÃO NASCE A LUZ!



Use fusíveis aprovados
pelo D.N.I.G.

Se a sua casa ficar às escuras,
por defeito na instalação,
não discuta: examine os fusíveis e
substitua o que estiver queimado.
A troca de fusíveis, como
os demais reparos nas instalações
elétricas internas, é atribuição
do próprio consumidor.

TENHA SEMPRE EM SUA CASA FUSÍVEIS DE RESERVA

A salvação do tráfego carioca é a

OPERAÇÃO COPACABANA

OU O RIO DE JANEIRO ACABA COM O LOTAÇÃO OU... ★ COEXISTÊNCIA IMPOSSÍVEL: LOTAÇÃO E RIO DE JANEIRO ★ A "OPERAÇÃO-COPACABANA" É O PRIMEIRO PLANO PARA A DISCIPLINIZAÇÃO DO TRÁFEGO CARIOCA ★ VEM DA COMISSÃO DE PLANEJAMENTO DOS TRANSPORTES COLETIVOS E VAI RESOLVER O PROBLEMA DA ZONA SUL E DA CIDADE

Reportagem de MOACYR DIAS RIBEIRO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

PERFEITAMENTE exequível, a "Operação-Copacabana" é a solução lógica e econômica para o tráfego da Zona Sul, com benefícios reais também para o centro da cidade e a Zona Norte.

Distribuindo os lotações por toda a Zona Sul (do Leme ao Leblon), a "Operação-Copacabana" evita que esses coletivos, depois de lotados em alguns pontos, venham a tralegar por outros, sem nenhuma necessidade.



Os moradores do Leme, obrigados a andar diariamente até Princesa Isabel e a esperar interminavelmente por uma condução, terão lotações à porta, com lugares e sem atropelo. Quem reside no Lido deixará de viajar por hipótese (quando ocorre vaga), e passará a encontrar condução fácil nos lotações que farão a volta em Santa Clara.

Os moradores do Pôsto 6 terão lotações diretos para o Castelo (todos centralizados num ponto só), acabando por conseguinte a correria para pegar (em pontos diversos), os lotações Olaria, Tijuca, etc. Os lotações que vêm de Ipanema (pontos finais na Praça N. S. da Paz), e os do Leblon (final na Praça Antero de Quental), terão um itinerário mais rápido e mais racional: os de Ipanema descerão pelo Túnel Velho e os do Leblon pela Av. Epitácio Pessoa, Humaitá e Voluntários da Pátria. Ainda no Leblon (na Rua Dias Ferreira) haverá ponto final de uma outra linha (Jóquei-Castelo) que também não passará por Copacabana.



ZONA SUL-CASTELO

Estabelecendo no Castelo, sete pontos iniciais de lotações para a Zona Sul, os técnicos que planejaram a operação Copacabana.

PONTOS QUE CONVÉM O PÚBLICO CONHECER DA CHAMADA OPERAÇÃO COPACABANA

O trânsito ficará muito mais fácil.



Novas terminais na Zona Sul (Leme, Lido, Pôsto 6, Ipanema e Leblon) facilitarão o tráfego em Copacabana e adjacências.



O perímetro central da cidade ficará livre de 380 lotações sem prejuízo do número de passageiros a transportar.

O lotação é o "camelot" do tráfego carioca.

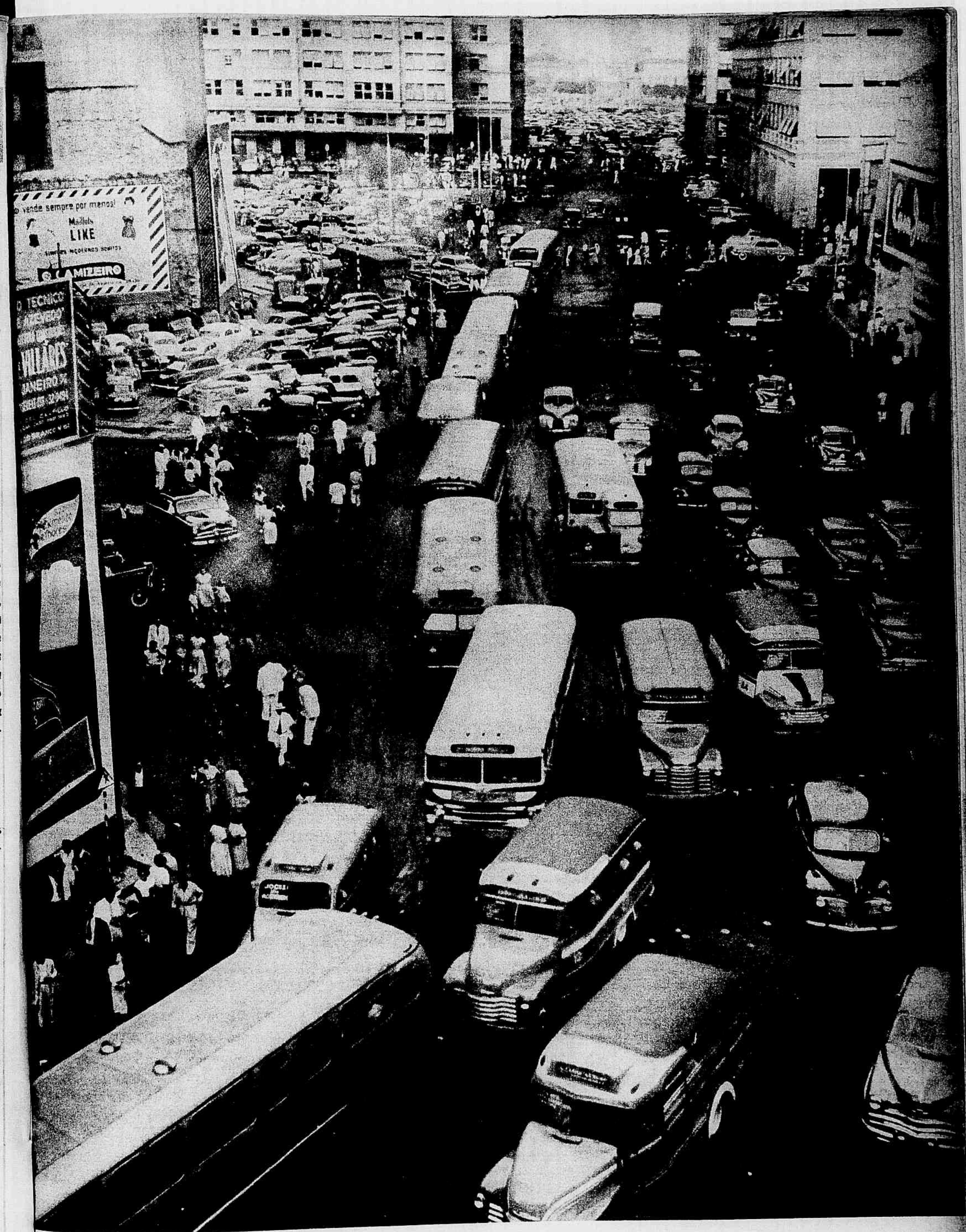
Um papa-fila é igual a 3 lotações (em tamanho) mas carrega um número muito maior de passageiros.



Militares e civis (donos de lotação) fazem propaganda tentando enganar o povo.



O lotação (praga do tráfego carioca) quer se fazer passar (agora), como o anjo bom da população.



VISÃO DO TRÁFEGO ATUAL DO RIO DE JANEIRO É ISSO QUE A CHAMADA "OPERAÇÃO-COPACABANA" VISA DISCIPLINAR.

OPERAÇÃO COPACABANA



O famoso «fominha» Estrada de Ferro-Leblon, dono, ditador e espantinho das ruas cariocas. À direita a fila da Central, que vai

cabana procuraram separar os passageiros das "áreas seletivas", pois de nada valeriam essas áreas se no outro extremo o ponto inicial fôsse um só. A terminal única no Leblon (liquidada no novo plano), prejudica os passageiros residentes no trecho mais habitado da Zona Sul (Leme, Lido e Pôsto 6), embora (é claro) traga grandes benefícios aos donos dos lotações. Atualmente os passageiros do Leme são deixados no meio do caminho (esquina de Princesa Isabel), enquanto os lotações prosseguem no chamado "pinga-pinga", apanhando e deixando outros passageiros. Pela perda do "pinga-pinga" é que os donos dos lotações se insurgem contra a modificação, indo ao extremo de ameaçar a população com a greve total dos transportes.



380 lotações (sem serem retirados do tráfego) deixarão de andar pelas Av. Rio Branco, Passos, Presidente Vargas, Almirante Barroso, Rua e Largo da Carioca e Praça Tiradentes, descongestionando tremendamente o centro da cidade.



Quem trabalha no Centro (a maioria esmagadora), não pre-

cisar fazer mais a volta até a E. de Ferro, para voltar à Zona Sul. Haverá economia de tempo e de dinheiro. E os operários que trabalham na Zona Sul e que quase nunca conseguem pegar um lotação por serem considerados "chumbinhos", viajarão folgadoamente, agora sem os atritos e a discriminação odiosa de antes.



Atualmente no Leblon, os motoristas só param para senhoras de calça comprida (ou com bolsas de compras) pois sabem que elas saltarão mais adiante. Gente com marmita, homens de gravata ou com pastas, dificilmente conseguem entrar num lotação em Ipanema ou Leblon, pois estão inapelavelmente marcados como "chumbinhos", ou seja, passageiros que vão até o centro da cidade.



MENTINDO PARA CONFUNDIR

No intuito único e exclusivo de confundir a opinião pública, os donos dos lotações dizem:



acabar. Com a «Operação-Copacabana» os passageiros não precisarão mais fazer a «voltinha» para voltar para Copacabana.

Os ônibus elevarão para 15 cruzeiros o preço das passagens; os motoristas de lotações (e os proprietários também), morrerão de fome; os donos dos ônibus subornaram autoridades; são uns abnegados e quando houve a greve dos ônibus transportaram rapidamente toda a população; e muitas outras razões, inconsistentes como essas e de fácil liquidação. Os donos de lotações se insurgem até contra uma ex-fase experimental da "Operação-Copacabana", pois sabem que na prática ela dará resultados e que os únicos beneficiados serão os passageiros. Procurando arregimentar todos os demagogos e aproveitadores de situações, os donos de lotações ameaçam o Prefeito com o fantasma da greve, e dizem taxativamente: se a situação atual fôr modificada, a cidade ficará sem transporte e a balbúrdia dominará a cidade. Tem a palavra o Prefeito, depois, naturalmente, de ouvir os técnicos de verdade, e não os improvisados.



LOTAÇÃO: O "CAMELOT" DO TRÁFEGO

Os lotações são os verdadeiros "camelots" do tráfego. Não têm garagem, não têm motoristas estáveis (quase todos traba-

lham a comissão), não têm cobradores, despachantes, mecânicos. Não têm também qualquer obrigação ou responsabilidade civil. Trafegam e param quando bem entendem, são os ditadores do tráfego. "Fecham" todo mundo, mudam de mão sem o menor sinal, atropelam, matam e aleijam sem piedade e com a maior tranqüilidade. E cobram o mesmo preço dos ônibus, que têm todas as obrigações, além de transportar um número muito maior de passageiros.



Substituir o lotação por coletivos maiores e mais confortáveis é a solução aconselhada inclusive pelos técnicos da ONU que nos visitaram por várias vezes e ficaram assombrados com a confusão do tráfego carioca. Vejamos um exemplo rápido. O papa-fila transporta 63 passageiros sentados. O ônibus comum 47. O lotação apenas 20. É preciso acrescentar mais alguma coisa? Voltaremos ao assunto mostrando novos aspectos do problema.

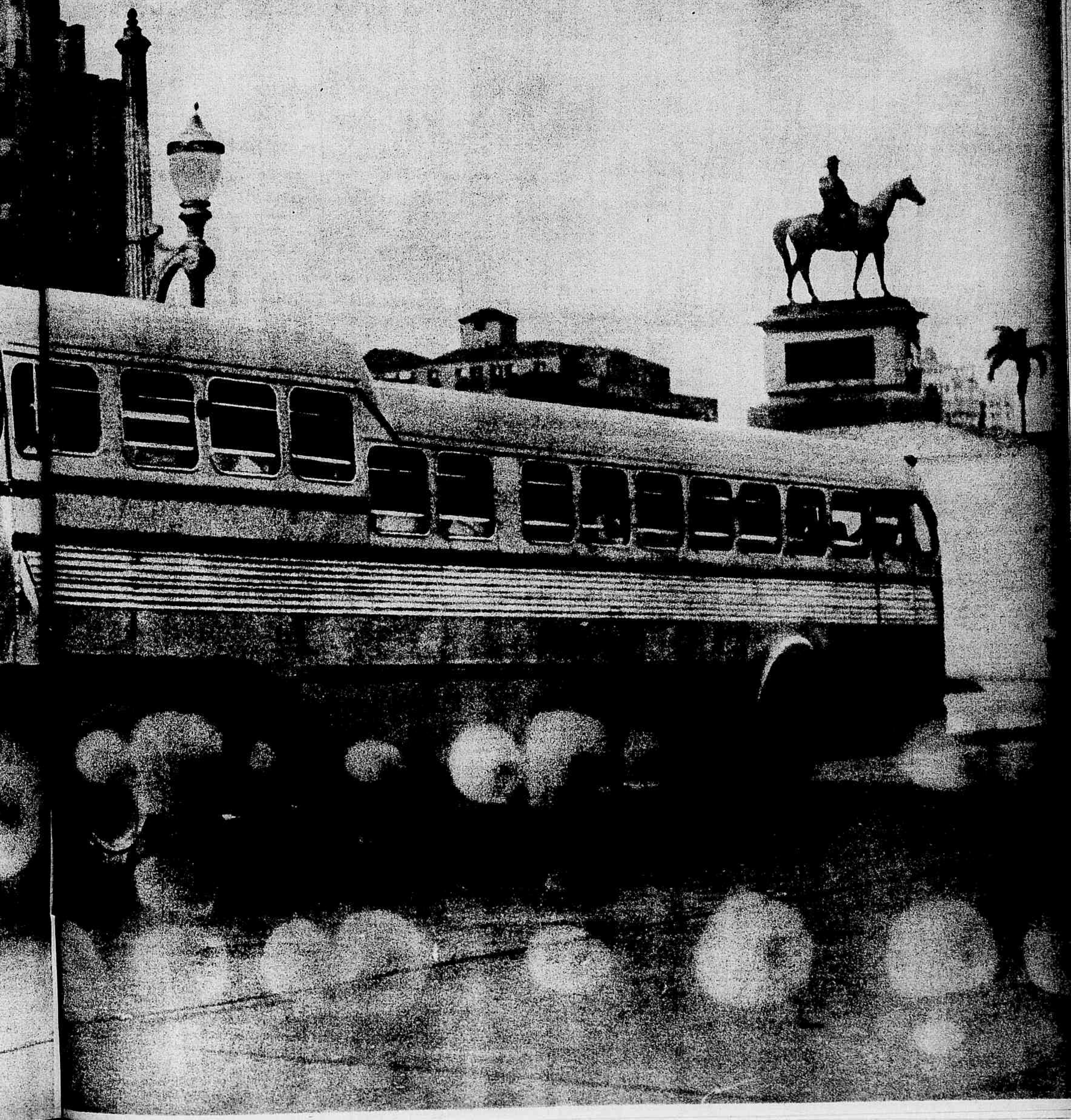
OPERAÇÃO COPACABANA



PAPA-FILAS

SUBSTITUTO NATURAL DO LOTAÇÃO

● Este é o papa-filas. Transporta 63 passageiros sentados, enquanto o lotação carrega apenas 20, pelo mesmo preço. Mais conforto, mais segurança, mais tranquilidade. Os donos de lotação estão espemeando, pois a "Operação-Copacabana", vai acabar com o pinga-pinga. Mas os passageiros da Zona Sul (e também da Zona Norte) terão condução mais fácil e principalmente mais racional.





R

O presidente Chamoun cumprimenta o embaixador do Brasil, Gualberto de Oliveira, em Beirute.

UM ÁRABE PREGA A RECONCILIAÇÃO

PELA PRIMEIRA VEZ, DEPOIS DA CRISE DE SUEZ, UM GOVERNANTE ÁRABE FALA EM PAZES COM O OCIDENTE ★ «NUNCA ESTIVEMOS TÃO PRÓXIMOS DA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL» ★ FALTA DE ESCRÚPULOS DE GRANDES NAÇÕES ★ RECONCILIAÇÃO COMO REMÉDIO CONTRA A INFILTRAÇÃO COMUNISTA ★ SENSACIONAIS E EXCLUSIVAS DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE DO LÍBANO À «REVISTA DA SEMANA» EM BEIRUTE.

Reportagem de HERON DOMINGUES

INFORMAÇÃO NECESSÁRIA — O Líbano é a Suíça do Oriente Médio pela sua tradição de paz e moderação. Mas desempenha um papel muito mais importante na política daquele turbulento pedaço do mundo, que a pacífica Suíça no caldeirão fervente da Europa. Seria inadmissível partir do Líbano uma guerra de agressão, enquanto que essa hipótese é bem plausível por parte de qualquer dos seus vizinhos. Mas, não há dúvida, se atacado, o Líbano reagiria virilmente, e até estaria em condições de repelir forças conjuntas muito mais poderosas, partindo do pressuposto de que as suas reservas morais são uma sólida realidade.

A MAIS importante e sensacional declaração que me fez o Presidente Camile Chamoun, em seu gabinete de trabalho, numa fria e cinzenta manhã de Beirute, foi a de que «depois do fim da última guerra, jamais, como agora, estivemos tão perto de um terceiro conflito mundial».

O Presidente falava pausadamente e sua declaração aumentava de valor, pelo fato de que este repórter lhe deixara, quinze dias antes, uma série de perguntas, às quais agora respondia, amadurecidamente. É verdade que decidiu fazer uma declaração geral, deixando de lado o sistema de resposta específica a cada pergunta. Mas não deixou nenhuma delas no ar. Enfrentou a todas, com a mesma disposição com que chega de madrugada ao seu gabinete e só se retira altas horas da noite.

O Presidente Chamoun veste-se com o aprumo de um «astro» do cinema. E os seus românticos cabelos grisalhos contrastam com o bronzeado da pele que emoldura uma fisionomia enérgica e serena.

O jornalista chegou ao Palácio do Governo da República do Líbano, acompanhado do Em-

baixador do Brasil em Beirute, sr. Francisco Gualberto de Oliveira. Vínhamos do Palácio Bustros, onde nos avistáramos com a impressionante figura que é Charles Malik, o estadista que ocupa, atualmente, a pasta das Relações Exteriores do Líbano. Depois desse encontro com Malik, o homem que empolgou a ONU em várias emergências difíceis da situação mundial, pensávamos que a entrevista com o Presidente pudesse ter algo de decepcionante. Malik é um homem absorvente e encantador, que fala vários idiomas e discorre, com segurança, sobre os assuntos mais surpreendentes. Mas após a formalizada saudação de um contingente árabe e a rápida introdução ao gabinete presidencial, a primeira impressão se desfez diante da acolhida do sr. Camile Chamoun. Tanto este, como o seu Ministro do Exterior, são personalidades marcantes de estadistas, embora também marcantes sejam as diferenças entre eles.

— Sou carioca, disse-me Chamoun com bom humor, porque sou cidadão honorário do Rio de Janeiro.

Recordou a acolhida que lhe fizeram as populações do Rio e São Paulo, por ocasião de sua recente visita ao Brasil. Disse mesmo que é uma lembrança imperecível a amizade que lhe foi demonstrada pelo povo e autoridades do Brasil.

— Não posso esquecer, acrescentou ele, as invejáveis condições de paz e prosperidade em que vivem as comunidades libanesas em território brasileiro.

O Presidente Camile Chamoun, nessa altura, virou-se cordialmente para o Embaixador Gualberto, a quem trata como amigo íntimo, com especial deferência.

— Graças à hospitalidade brasileira desenvolvem-se, sempre, apesar das distâncias e dos oceanos, os laços de amizade entre o Brasil e o Líbano.

Sobre o assunto Oriente Médio, o Presidente Chamoun falou com muita clareza:

— O ataque armado contra o Egito criou uma situação das mais graves no Oriente Médio. Jamais, depois do fim da última guerra, estivemos tão perto de um terceiro conflito mundial. Dentro desta agudíssima crise, entretanto, o Líbano tem estado à altura de sua missão de

paz e de sua resolução de conservar intacto o precioso patrimônio que constitui a nossa civilização.

Lembrou, então, a Conferência dos 9 países árabes, realizada em Beirute, na qual, graças aos esforços da diplomacia libanesa, foi firmado um duplo princípio: o do respeito à legalidade traçada pela Carta das Nações Unidas e o de prestigiar a ONU.

— Aquela legalidade — disse enérgicamente Chamoun — deve ser respeitada ainda que outras nações (e já não falo das menores) não experimentem nenhum escrúpulo em violá-la. Igualmente a ONU deveria incumbir o papel de arbitrar soberanamente todos os conflitos.

No gabinete onde se realizava a entrevista o fogo ardia, alegremente, na lareira. O Presidente ergueu-se e começou a dar largas passadas sobre o tapete persa de cores sóbrias. Ofereceu-nos, amavelmente, cigarros americanos.

Na mente do repórter, pairava a recordação de uma pergunta até agora não respondida: «Existe um perigo comunista no Oriente Médio?»

Mas a resposta veio:

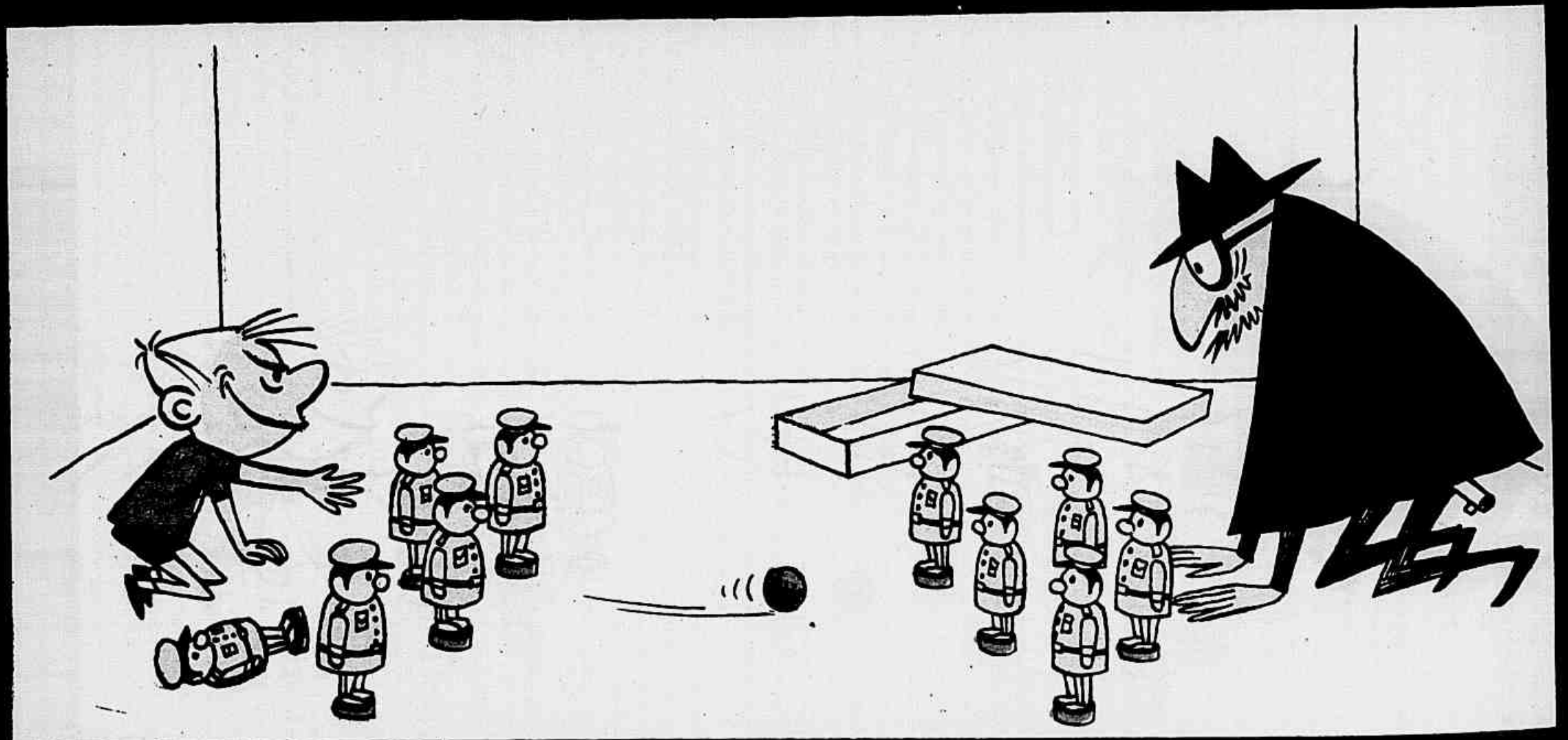
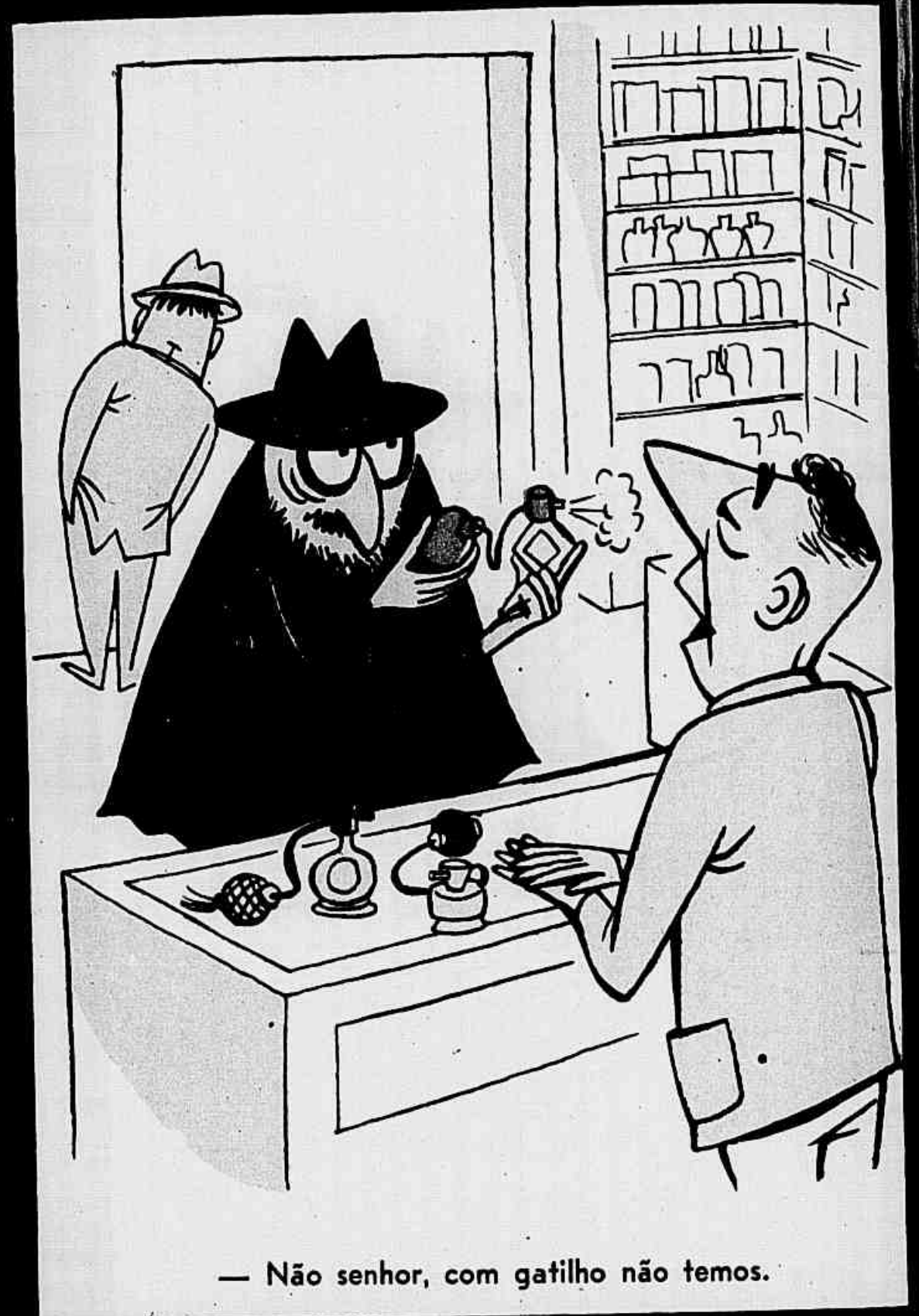
— É preciso opor, definitivamente, uma barreira à infiltração comunista no Oriente Médio. Mas para isso se faz necessária uma reconciliação entre os países árabes e os países do Ocidente.

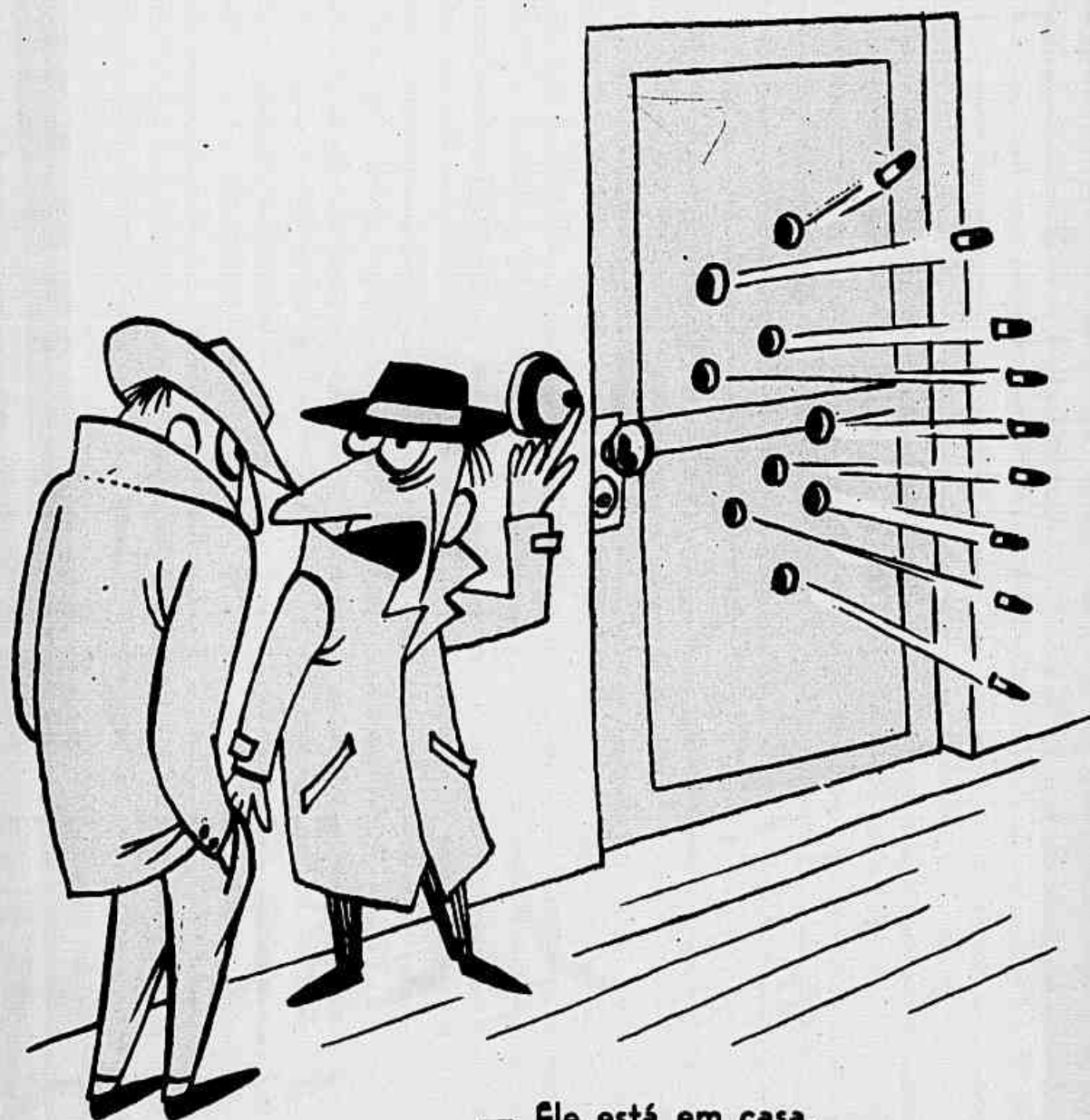
O Presidente Camile Chamoun reconhecia, claramente, a existência do perigo comunista. E advertiu, incisivo:

— Mas não esperem nem exijam que a iniciativa da reconciliação parta somente dos países árabes. Ela deve vir, igualmente e principalmente, da parte do Ocidente. E só será possível se o Ocidente estiver animado do desejo sincero de encontrar, para os problemas que sua própria política tem criado muitas vezes, soluções baseadas na justiça e na dignidade. A entrevista estava terminada. As dez perguntas estavam respondidas, inteligente e sucintamente. O fotógrafo autenticava o encontro. Novo café. Depois, outra saudação do batalhão árabe, e voltamos ao frio que varria as ruas de Beirute. No táxi em que embarcamos, no pára-brisa, havia um retrato sorridente do Coronel Gamal Abdel Nasser. Sorria para o vazio.

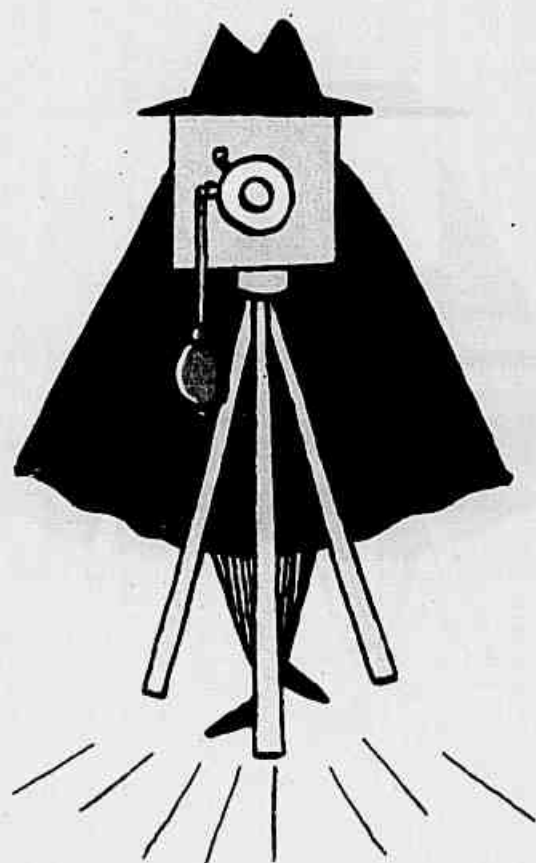
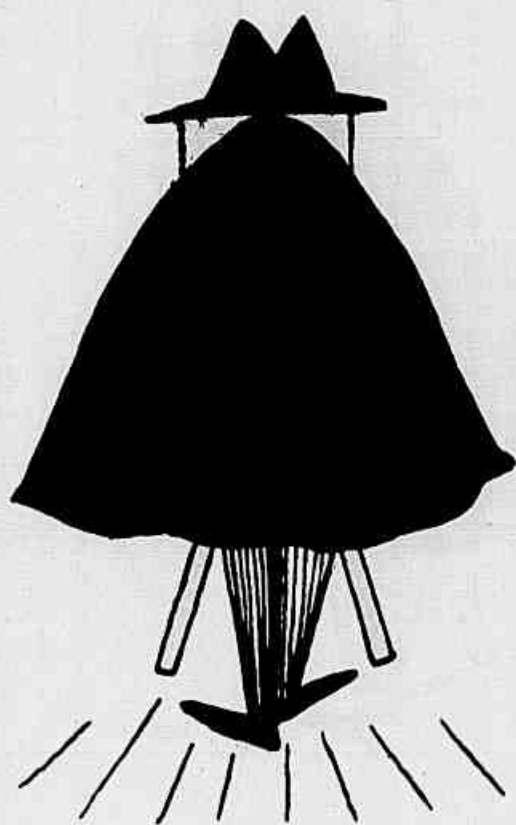
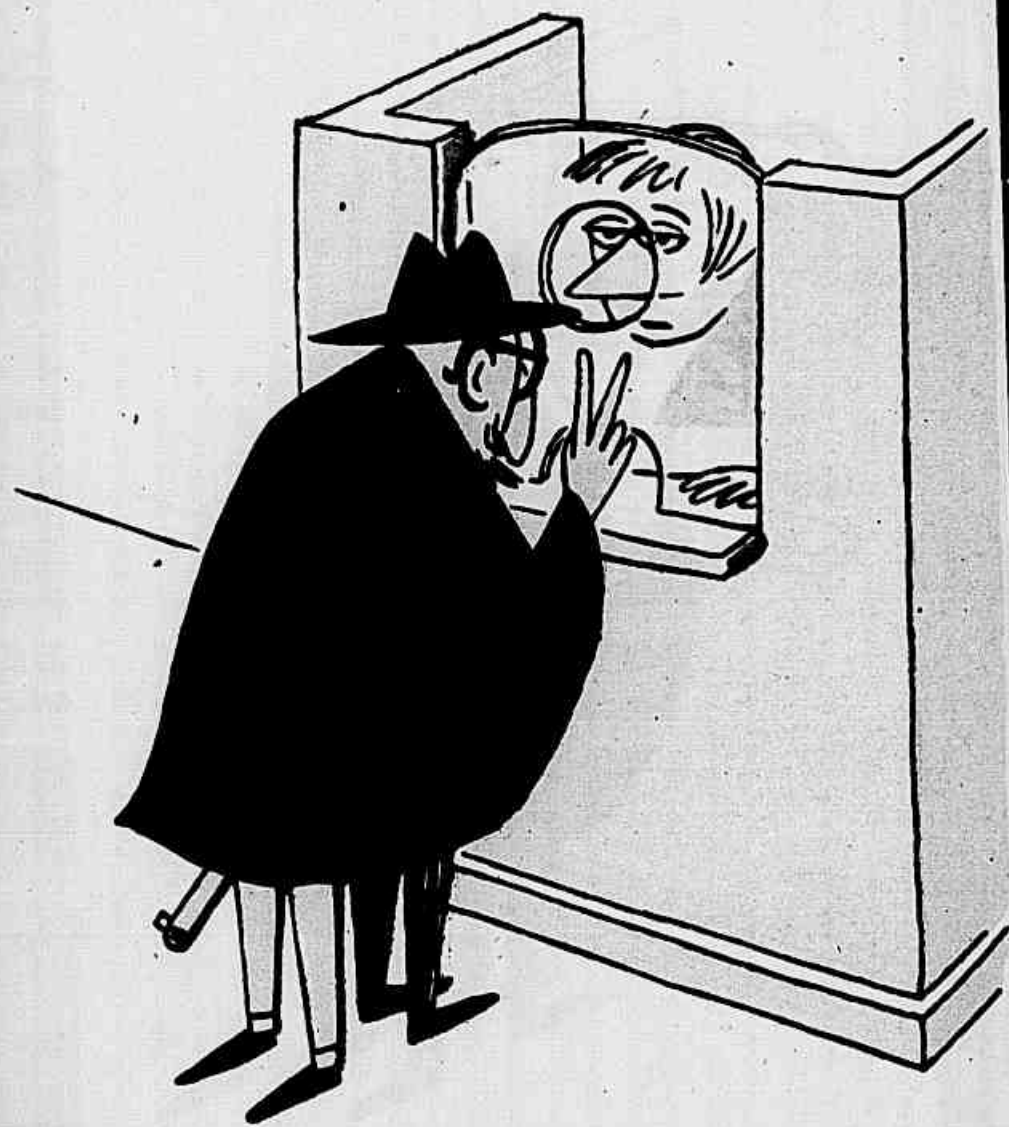
FORTUNA (pondo-se na môsca) **APRESENTA**

BANG! BANG! BANG!





— Ele está em casa.



— Doutor, tenho tido sonhos horríveis! Borboletas multicores adejando de flor em flor, ao longe uma casinha no alto de uma colina, um regato marulhante, a fresca viração trazendo o gorgear canoro dos passarinhos e uma calma, uma paz imensa em tudo.

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

Etiquêta

Não faça com que os outros esperem pela sua presença, se disso depende o início de uma partida de «buraco», a ida para um passeio, ou uma festa. A pontualidade, realmente, é mais difícil com todas as confusões da vida moderna, porém é indispensável para que você seja benquista e sempre convidada.

Quando duas pessoas estão conversando entre elas, evite de se intrometer na conversa, a menos que sua opinião seja pedida, direta ou indiretamente.

Quando se pede uma informação, na rua, numa repartição pública ou particular, é preciso se lembrar de agradecer depois, mesmo se a pessoa a quem se dirigiu lhe é completamente desconhecida, ou não lhe tenha podido dar a informação completa.

Não se lamente nem se desabafe porque o calor está muito forte, ou porque o ônibus está demorando, dirigindo-se a pessoas estranhas que estão padecendo do mesmo sofrimento. Para começar, não adianta mesmo nada, não é?

CURIOSIDADES

◆ O MAIÔ REVELAVA...

Fato curioso se passou em Nova York. A senhora Cláudia Hamilton moveu uma ação contra a loja «Glamour Shops», pedindo uma indenização de 20 mil dólares por atentado moral à sua personalidade. A senhora Cláudia comprou um maiô na dita loja, e, quando saiu d'água depois do primeiro banho de mar, verificou que a roupa de banho se tornara completamente transparente, depois de molhada. Ganhou a ação.

◆ SÓ PROGRAMAS FEMININOS

São as mulheres quem mais ouvem rádio, pois, geralmente, têm mais tempo livre. Pensando nisso, é que foi inaugurada no Texas, há poucos meses, uma estação de rádio com programas exclusivamente dedicados às mulheres. Os anunciantes estão «correndo» para adquirir alguns minutos de publicidade na transmissora texana, pois sabem que lá as suas mensagens de venda atingirão diretamente o público que «compra»: as donas de casa.

◆ PÓS O MARIDO A PROVA

A senhora Wilma Kargard (de Chicago) que havia pedido o divórcio de seu marido, alegando o motivo de sempre: crueldade mental, concor-

dou em retirar o pedido depois que o marido se comprometeu a fazê-la viver, durante todo um mês, uma vida de rainha. Durante esse mês, o senhor Kargard executou todos os afazeres da casa desde a preparação da comida, e a lavagem dos pratos, até a arrumação das camas e remendo das meias. A mulher, comodamente refestelada numa poltrona, passou os seus 30 dias de férias tomando refrescos, aperitivos (o marido lavava os copos) e lendo belos romances de amor.

◆ TRATE BEM DAQUELES QUE LHES SÃO INFERIORES...

Não adianta nada fazer esforço para ser cortês com os nossos inferiores. Em vez disso, o certo é nos persuadirmos de que ninguém nos é inferior, já que não é o dinheiro, nem a cultura, nem mesmo as boas maneiras que poderão — honestamente — colocar-nos acima de um simples ser humano.

Inferior, provavelmente, só existiu mesmo aquela senhora da anedota que foi a um psicanalista para se tratar de um tremendo complexo de inferioridade e, depois de haver exposto os seus problemas, de haver aberto completamente as portas de seu consciente e subconsciente, ouviu o médico lhe dizer:

— Mas, a senhora não sofre de nenhum complexo de inferioridade; a senhora é realmente inferior!

Week-End Na Cozinha

Este «Rôlo de Geléia» é um doce saborosíssimo e será muito apreciado pelos seus. Constitui uma ótima sobremesa para crianças e adultos.

1 — Peneire sobre o mármore ou a tábua de amassar 300 gramas de farinha de trigo, 50 gramas de açúcar, uma pitada de sal e uma colherinha de fermento em pó. Misture bem todos os ingredientes, passando-os duas ou três vezes pela peneira.

2 — Arrume todos os ingredientes secos num único monte. Faça um buraco no meio e quebre aí um ovo. Junte 2 colheres das de sopa de «marsala» ou de «cognac», 50 gramas de manteiga (derretida) e amasse tudo junto. Se a massa estiver dura, junte um pouco de leite. Amasse bem e, com o rôlo, abra a massa com poucos milímetros de espessura.

3 — Espalhe sobre a massa uma geléia de frutas de sua preferência (pode usar também marmelada ou goiabada, derretidas com um pouco de vinho ou, então, doce de leite). Alise com a lâmina de uma faca, para que fique bem espalhada.

4 — Sobre a geléia ponha fatias muito finas de maçã, cobrindo toda a superfície.

5 — Com cuidado, enrole a massa com o recheio. Arrume o rôlo numa assadeira untada com manteiga. Se não der esticado, curve-o um pouco.

6 — Pincele o rôlo com um pouco de leite e espalhe por cima açúcar, numa camada leve.

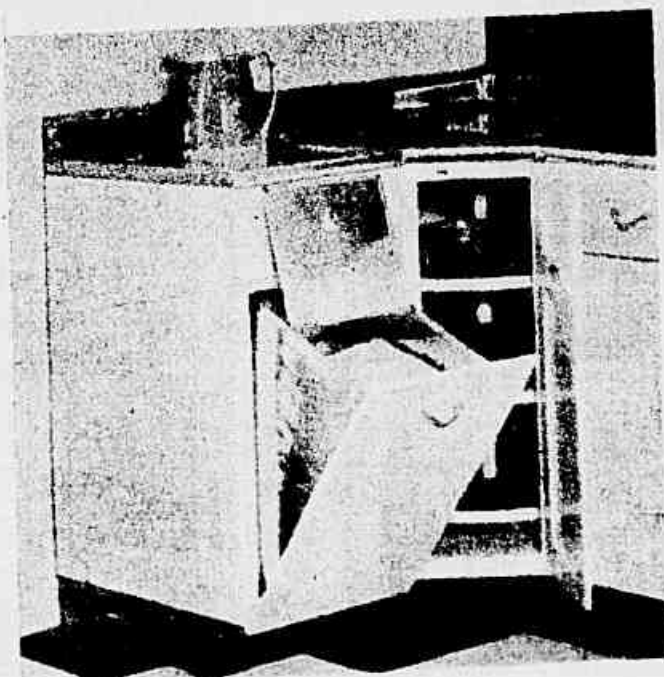
Asse em forno previamente aquecido, em temperatura moderada, perto de 40 minutos. Serve-se frio, cortado em fatias.

SUGESTÃO PARA O LAR

Eis dois pequeninos detalhes que poderão dar maior comodidade à sua cozinha:



1 — Uma gaveta giratória, destinada a guardar arroz, feijão ou farinha. Notem que uma tampa interna fecha-a herméticamente, impedindo a entrada de baratas, etc.



2 — Sob a pia, um local destinado à lata de lixo que é sempre muito pouco estética. Do outro lado, espaço para guardar o carrinho de feira, que também serve como depósito de frutas e legumes.



SUA BELEZA

◆ Para aquelas que trabalham durante o dia sob luzes fluorescentes (de gás neon) que intensificam as cores azuis e violetas, envelhecendo os traços do rosto, aconselha-se pó de arroz cor de pêssego e baton cor «mandarino», a fim de que obtenham tonalidades perfeitamente naturais sob aquelas luzes.

◆ Não retoque nunca o rosto, em público. Além de ser pouco educado, deixa sempre pouco à vontade a pessoa que a acompanha. Um pó de arroz compacto, um baton indelével, hão de bastar para passar uma tarde ou algumas horas à noite, sem ser preciso outros retoques.

◆ Procure combinar a cor da maquiagem com a de seu vestido. Se este for vermelho, a combinação se tornará mais difícil. Limite-se, então, a retocar os lábios, ligeiramente. Não se esqueça de que as cores claras raramente estão muito em moda.

◆ Não basta, porém, uma maquiagem perfeita e um vestido gracioso para torná-la atraente. O perfume é o toque silencioso e insuspeito que lhe possibilita pôr em evidência a sua elegância e personalidade, de forma a distingui-la dentro as outras.

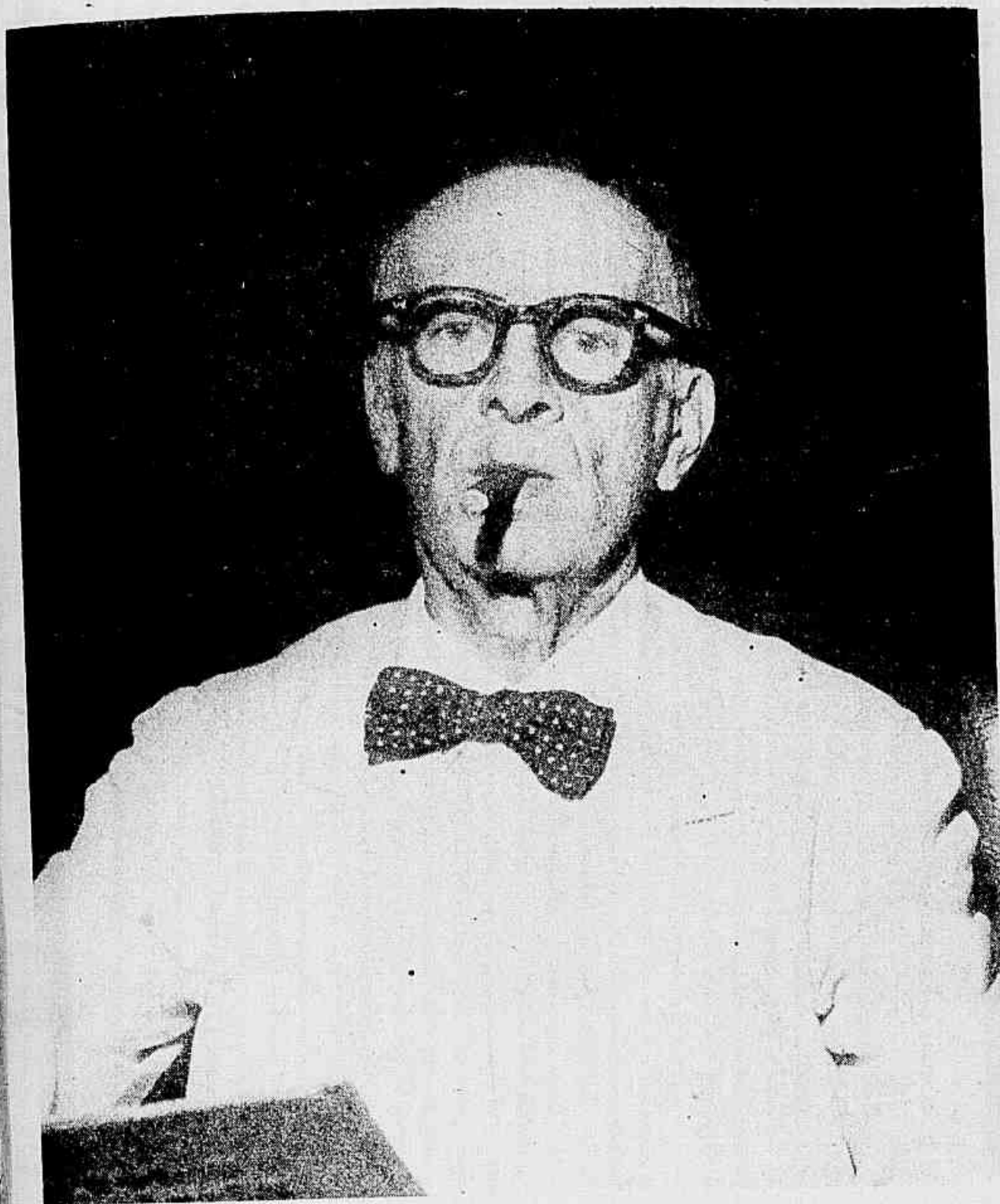
◆ Use, habitualmente, talcos perfumados e desodorantes. Durante o dia — principalmente nos dias quentes — passe água de colônia no corpo, no pescoço, nos pulsos, para refrescar. Se vai a uma festinha ou tem um encontro à tarde ponha um pouco de perfume nos cabelos, atrás das orelhas, nos pulsos.

Mauro Braga (na Câmara) descreve a eleição de



Ulisses Guimarães ficou com a posição ameaçada com a rebelião da ala velha. Mas agiu bem, executou boas manobras, e foi reeleito com facilidade. É um bom Presidente, sereno, enérgico e pouco exibicionista. Seu próximo alvo: governo de São Paulo em 1958. Mas isso já é outra história

**ULISSES, FLORES, GODOY ILHA, FADUL,
LOURES, NICANOR E MIGUEL LEUZZI**



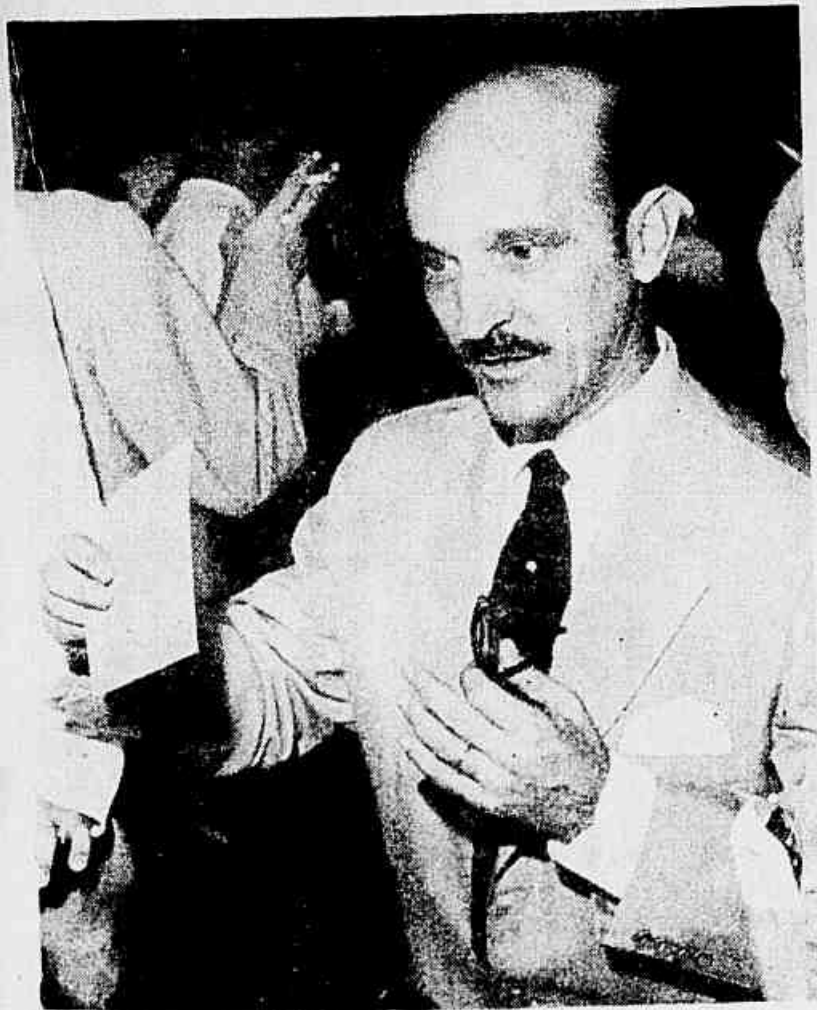
A candidatura Flores da Cunha andou dificultando os entendimentos. Mas diga-se a bem da verdade que o Gen. não moveu uma palha. Não trabalhou, não pediu voto a ninguém, não disse que sim nem que não. Sua única afirmação: eleito vou presidir a Câmara nos impedimentos do Presidente Ulisses



Godoy Ilha teve sua posição solidificada quando quis renunciar a própria candidatura para facilitar os entendimentos com a oposição. É uma boa figura, homem de excelente reputação e de rígida conduta partidária. Quando dirige os trabalhos é prejudicado pela falta de desembaraço

**NÃO FOI POSSÍVEL REPETIR A OPERAÇÃO CARLOS LUZ ★ NA VÉSPERA OS UDE-
NISTAS ESTAVAM CONFIANTES, MAS JÁ NO DIA DA ELEIÇÃO A ANIMAÇÃO E O
SORRISO DESAPARECERAM ★ O PROTESTO DE MILTON CAMPOS ★ COMPARE-
CIMENTO RECORDE: 286 DEPUTADOS ★ APENAS 40 FALTARAM À CHAMADA ★ O
11 DE MARÇO, NA CÂMARA DOS DEPUTADOS, MINUTO A MINUTO**

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Lopo Coelho dissidente há muito tempo, pela primeira vez ficou frontalmente contra seu partido. Ainda é cedo para tirar conclusões

A eleição da Câmara (pelo menos na parte de manobras), começou há mais de 1 mês. A rebelião da chamada «ala velha» contra a «ala moça», quase determinava outros rumos a essa eleição. E parece que a UDN deixou-se impressionar por essa rebelião e resolveu repetir a operação Carlos Luz, de tanto sucesso em 1955. Mas acontece que as circunstâncias são outras (governo realmente legítimo, mandato ainda no início, etc.), e a operação desta vez fracassou, impondo uma derrota ao bloco da oposição e ao tão simpático e trabalhador Lopo Coelho.

Até à véspera da eleição, o bloco da oposição quis lançar um outro candidato, mais radicalizado no PSD, que não fôsse como o sr. Lopo Coelho, tão marcadamente dissidente. E até à última hora cercou os srs. Otacílio Negrão de Lima, Oliveira Brito e Hugo Napoleão. Mas os três (apesar de aceitarem a corte da UDN) não foram além do simples namorico sem consequências. Razões: nenhum deles queria mesmo ser candidato da UDN. Queriam apenas advertir



Milton Campos não queria ser candidato de jeito algum. Mas lhe impuseram a luta e como protesto simbólico nem apareceu na Câmara

MAURO BRAGA NA CÂMARA

o PSD, e mostrar que também têm ambições. A advertência ficou registrada.

No dia da eleição, já no plenário da Câmara, 15 minutos antes da abertura dos trabalhos, os líderes da UDN confessavam a derrota. Maus estrategistas, mas bons observadores.

As 14,46 (a sessão estava marcada para às 15 horas), Lopo Coelho (simpático, inteligente, firme, careca e de terno côr de barro), dizia ao repórter: «a situação não está ruim. Mas podia estar melhor.» E com um sorriso mais de Raniere Mazzili do que de Carlos Luz, se afastava.

Arnaldo Cerdeira, inquieto e mordendo furiosamente um charuto de 70 cruzeiros, manobrava (como sempre) em duas posições. Oficialmente, apoiava o candidato do Partido (Nicanor), por trás dos bastidores pedia votos para Barbieri. No dia seguinte, brigaria com Barbieri e ajudaria a eleger Nicanor. E com isso perdia definitivamente a liderança do Partido.

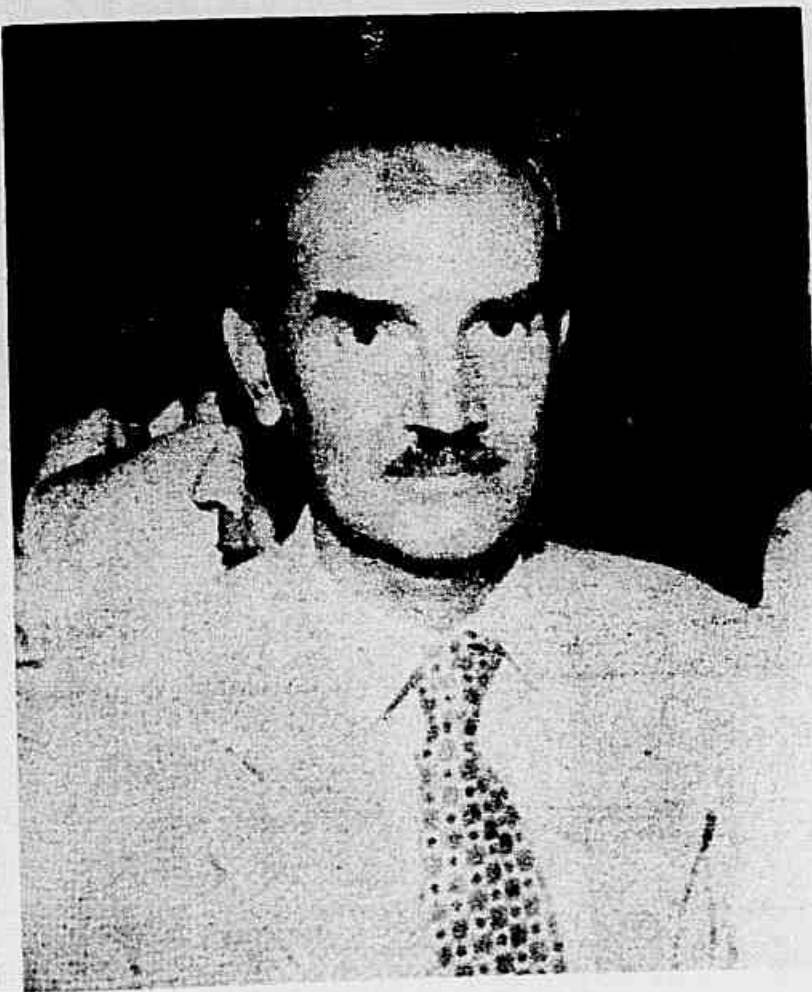
As 14,58, foram dizer ao sr. Flores da Cunha que o PSD abria a questão para a 1ª Vice-Presidência. O General não disse nada, ficou mais pálido, a castanhola eterna de seus dedos se acelerou. Mas como o general só poderia constatar o fato 24 horas depois, compreende-se; a noite de 11 para 12 de março ficou perdida.

As 15 horas e 9 minutos, Godoy Ilha (terno côr de tijolo, barbado, careca quase à Yul Brynner, gago e sem muita desenvoltura), abriu a sessão e fez a chamada. 244 deputados responderam. Há número. «Vai se proceder a votação.»

As 15,11 apesar da quase certeza da vitória de Ulisses, o nervosismo é geral.

Em cima da urna, continua a cabala. João Agripino tenta conseguir os votos de Janduí Carneiro e Otacílio Negrão de Lima. Passa José

3º SECRETÁRIO



ROCHA LOURES

Foi eleito facilmente. Derrotou Portugal Tavares com o «chicote debaixo do braço» e sem dar o menor cuidado.

1º SECRETÁRIO



DIVONSIR CORTES

Jogou uma parada arriscada. Resolveu se candidatar a reeleição contra as determinações do Partido. No primeiro escrutínio (apoiado pela oposição) conseguiu empatar com Fadul. Mas depois, abandonado pelos companheiros de circunstâncias, perdeu por mais de 20 votos. E ainda está ameaçado de expulsão.

Cândido Feraz e diz a Agripino: «Não perca tempo. Esses já são nossos.» Não eram.

As 15,13 começa a chamada. Primeiro deputado a votar Antônio Maia, do Amazonas.

As 15,16 já iniciada a votação, chega uma palavra de ordem, atrasada, mas que quase muda o rumo da eleição para primeiro Secretário: Divonsir Cortes (1º secretário) será candidato da oposição. Fadul treme nos alicerces.

O primeiro líder da ala moça a votar: Cid Carvalho. No caminho (até chegar a urna) abraçou Pontes Vieira, olhou para o microfone da Rádio Globo (estava desligado), sorriu para José Joffily, fez um ar inteligente (com dificuldade) e jogou a cédula na urna. Voto de cabresto para Ulisses.

Na primeira fila, Vieira de Melo continuava posando de líder.

Lopo, Divonsir e Herbert Levi, votam juntos. 3 votos com um enderêço só.

Cocraci Nunes, perto da urna, fiscalizava. Mas quando soube que Osvaldo Penido estava na Casa, saiu correndo, e não largou-o mais. Quis dar impressão a todos que desfrutava intimidades com o Executivo.

As 15,23 votou Neiva Moreira. Diz para a bancada de imprensa: «esta eleição eu já ganhei.»

Gente que só aparece no dia de pagamento, estava presente: Danton Coelho, Eduardo Catalão, Hildebrando de Goes, Lima Cavalcante, Roxo Loureiro, Esmerino Arruda, Frota Moreira, Saturnino Braga, etc.

Carlos Luz, Baleeiro, José Pedrosa, Renato Archer e Carvalho Sobrinho, lado a lado na fila. Curiosidade: os cinco de terno branco de «palm-



WILSON FADUL

Candidato de Jango Goulart e das preferências de quase todo o PSD. Explica-se: desde a primeira hora ficou firme com a candidatura Juscelino e nunca esmoreceu. Andou meio assustado no primeiro dia, mas depois readquiriu a confiança e a certeza da vitória. Sua próxima luta: governo de Mato Grosso.

beatch». Mas dos cinco o mais elegante e alinhado continua sendo Renato Archer, o jovem turco.

Ulisses vota às 15,32. Como quase todos, fecha a sobre-carta com a língua.

Tenório Cavalcante passa de terno verde e gravata grená. Uma combinação quase tão exdrúxula e estapafúrdia quanto a do seu próprio caráter: deputado da eterna vigilância e assassino (ou mandante) de inúmeras e repetidas vezes.

As 15,40 Armando Rollemberg confessa que votou errado. Colocou todas as sobrecartas numa urna só.

As 15,45 Osvaldo Penido aparece, na mesa, ao lado do Presidente, tomando cafêzinho. Carlos Lacerda, rápido chama o Ernesto (fotógrafo da «Tribuna da Imprensa») e manda fazer a chapa. Penido percebe, se esquivava, mas o fotógrafo foi mais ligeiro.

As 15,50, Vieira de Melo, o líder tele-guiado, continua com o mesmo ar de vencedor.

Nas galerias, Monteiro de Castro (ex-deputado, Chefe da Casa Civil de Café Filho, careca, simpático, dono de cartório), assiste a votação.

As 15,51 vota o último deputado: Eurípedes Cardoso de Menezes. Como ele está querendo ser Embaixador no Vaticano, seu voto não tem mistério.

As 15,58 é encerrada a votação. Um funcionário robusto carrega a urna. Imediatamente começa a separação das sobrecartas e a apuração.

O 1º voto apurado foi para Ulisses Guimarães. O 2º para Lopo Coelho. Mas logo depois

2º SECRETÁRIO



LEONARDO BARBIERI

Queria de qualquer maneira a reeleição. Apoiado por Cerdeira, quase ganhava. Mas à última hora foi prejudicado por uma manobra hábil de Carvalho Sobrinho e pela cabala pouco escrupulosa do próprio Cerdeira. Rompeu com este e acabou de se liquidar.

Ulisses disparava, e a eleição perdia o interesse. Depois de 27 minutos, o resultado: Ulisses 183. Lopo 92. 8 em branco.

Emocionante foi a disputa pela 1ª Secretaria: Fadul e Divonsir saíram (e chegaram) lutando duramente. Empataram com 139 votos cada um. No dia seguinte Fadul ganharia por mais de 20 votos e Divonsir seria ameaçado de expulsão.

Flores da Cunha ganhou bem a 1ª Vice-Presi-



NEIVA MOREIRA

Está subindo politicamente o antigo repórter e militante integralista. Na luta pela 2ª Secretaria juntou-se com Carvalho Sobrinho para derrotar Barbieri com os olhos em Cerdeira. Mas este, muito vivo mudou de lado à última hora, e apoiou Nicanor.

dência. Milton Campos não queria ser candidato de modo algum. E como protesto simbólico contra a própria candidatura, não apareceu na Câmara no dia da eleição. Só foi cumprimentar Flores (protocolarmente) no dia seguinte.

Godoy Ilha não deu susto. Ganhou como quis. Nicanor precisou de mais 24 horas para derrotar Barbieri na 2ª secretaria.

Rocha Loures, grande favorito ganhou muito fácil confirmando os prognósticos.



NICANOR SILVA

Beneficiou-se da luta entre Arnaldo Cerdeira e Carvalho Sobrinho e acabou eleito. A princípio sua situação não estava muito certa e andou correndo perigo. Mas depois, com as reviravoltas (muito comuns no PSP) disparou e acabou ainda ganhando com facilidade.

Miguel Leuzzi, líder e candidato do PTN, precisou também de 48 horas para derrotar o sorridente Plínio Lemos, que quando publicou seu primeiro romance (quase inédito) passou a ser para os colegas, o **Plínio que não Lemos**.

A maioria só perdeu um lugar: o de 4º suplente. O sr. Ocenor Carleial, (eleito), demonstrou ser, na Câmara, a maior vocação de suplente.

4º SECRETÁRIO



MIGUEL LEUZZI

Líder e candidato do PTN acabou assinando uma recomendação para votar em si mesmo. Pode ser gozado mas é a verdade. Precisou de 48 horas para derrotar Aurélio Viana e Plínio Lemos. Bom sujeito, sorridente e conhecido como pecuarista.



AURÉLIO VIANA

Veio das Alagoas com bom cartaz e confirmou as qualidades nos primeiros entrevistos. Ficou mal no recente episódio de Arapiraca, quando teve que defender o louco Muniz Falcão. Contingências da política estadual. Mas foi um bom Secretário.



PLÍNIO LEMOS

Já foi muita coisa, e a bela cabeleira que ostenta é velhice mesmo. Nos tempos de moço andou escrevendo um romance (desconhecido), e os mais íntimos usando seu nome para um jogo de palavras, passaram a chamá-lo de **Plínio que não Lemos**. Quase ganha do Leuzzi.

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

- Tereza Souza Campos, Lourdes Catão, Ivone Lopes, Cristiane Caldeira, Turquinha Muniz e outras 5 senhoras da sociedade, foram convidadas a "posar" para propaganda de Helena Rubinstein. Condições: 1 milhão de cruzeiros (para as 10), destinados a uma instituição de caridade.

- Periga a eleição de Juracy Magalhães para a Presidência da UDN. Motivo: o recente discurso do Senador baiano que desagradou a ala moderada do Partido.

- Sérgio de Figueiredo acabou sua excelente seção no "Diário de Notícias". Razões: Nenhuma aparente.

- Barreto Pinto (a mais escandalosa e incompreensível nomeação do governo Juscelino) e Murilo Miranda, brigaram na TV-Rio. A briga foi gravada, mas logo depois destruída, "a pedidos insistentes" do ex-deputado.

- "Tamanho de um defunto", peça de Millor Fernandes, vai ser filmada em São Paulo. Diretores: o próprio Millor e Armando Couto. Atores: os mesmos da versão teatral: Armando, Ludi Veloso, Renato Consorte e Edison Silva.

- Excelente o suplemento dominical do "Jornal do Brasil". Bem cuidado, bem apresentado graficamente, e com matérias bem selecionadas. Obra exclusiva de Reinaldo Jardim.

- Quando uma corporação se dá ao luxo de colocar à margem de suas atividades um homem com as qualidades do Coronel Sizeno Sarmiento, ou está com excesso de líderes ou com falsos líderes no comando. Parece que a segunda hipótese é a verdadeira.

- O sr. Edgard Rocha Miranda (falso teatrólogo, grã-fino, proprietário do teatro Glória, delicado e de boas maneiras) confessa a amigos, "que só sabe escrever em inglês. Em português não sai nada e nem chega a coordenar as idéias."

- O sr. Hildon Rocha (inexpressivo, medíocre, mal vestido, vaidoso, pretencioso e incapaz) modificou inteiramente a sua conduta depois que foi nomeado para o cargo de Diretor da Censura. Exige de seus amigos o tratamento de "Doutor", recusa cumprimentos a outros, e é, que quando simples funcionário da Censura era relapso, faltoso e indisciplinado, quer obrigar todo mundo a marcar ponto. Entre os funcionários da Censura (obrigados agora a ponto), estão os jornalistas Armando Pacheco e André Carrazoni, o deputado Anísio Rocha, Eloy Cordeiro e Carlos Washington Vaz de Melo.

- Vittorio Mussolini confirmou a existência de um diário de seu pai. E sabe-se que o filho do ex-"Duce" entrou em contacto com um editor de Milão para publicá-lo em livro. Mas outras fontes afirmam que o próprio Vittorio Mussolini estaria receoso das consequências dessa publicação.

- Hernane Tavares de Sá é o novo Diretor da revista "Visão". Ordenado: 70 mil cruzeiros mensais. A propósito: em julho "Visão" passará a condição de revista semanal, o que nos parece um passo arriscado. O mercado não comporta uma revista daquele tipo, fria e sem dinamismo, 4 vezes por mês.

- Há longos anos a Censura não proíbe um filme. Essa medida vai ser tomada agora, contra o filme 1984 extraído da

sátira social do mesmo nome, de autoria de George Orwell. Os motivos não são conhecidos. Mas como o livro (e o filme) são (claramente) anticomunistas e o sr. Hildon Rocha (diretor da Censura) é um conhecido "inocente útil", até os srs. Celso Kelly e Paulo de Magalhães, são capazes de chegar a conclusões.

- O Major Antônio João, diretor do trânsito, foi convidado para visitar a França, Inglaterra e Alemanha. Aceitou e viajará em agosto.

- A propósito das declarações do sr. Tancredo Neves sobre reeleição do Presidente da República: em Portugal, uma senhora leu a mão do sr. Juscelino e afirmou que ele iria governar o Brasil durante 101 anos seguidos. O Presidente (então ainda não empossado), ficou visivelmente satisfeito.

- Vieira de Mello, com a recente moção de desconfiança que "ganhou" do seu Partido, está sendo chamado de líder **teleguiado**.

- Edu (o da gaita), está ganhando mais de 200 mil cruzeiros por mês, só em excursões. Profissional há mais de 20 anos, só agora Edu descobriu a "mina" das excursões. Está entusiasmado.

- Yul Brinner, o careca que esteve no Brasil há dias, assinou contrato para 4 novos filmes. Exigência de todos os contratos: Brinner tem que trabalhar como careca.

TITO ACONSELHA A MODERAÇÃO

- Por intermédio dos seus embaixadores em Washington, Paris e Londres, Tito aconselha às potências democráticas que moderem suas críticas à União Soviética. Segundo ele, os soviéticos estariam dispostos a abrandar sua atitude para com a Hungria. Ao contrário, uma atitude mais hostil por parte dos ocidentais, poderia levar Moscou a novas e mais violentas repressões contra os países satélites.

- O sr. Carlos Lacerda tem grandes possibilidades de vir a ser o novo líder da UDN. Pelo menos a sua escolha está sendo defendida precisamente pelo grupo moderado (Edilberto Ribeiro de Castro, José Cândido Ferraz, Licurgo Leite, etc.), que consideram a exclusão da UDN da mesa da Câmara uma provocação (e uma atitude acintosa) do partido majoritário e de seus eventuais coligados. Edilberto, (elemento de grande prestígio dentro do Partido) e chefe de uma corrente numerosa, defende a tese "de que para botar na liderança um homem extremado, é preferível escolher o mais agressivo deles".

É impressionante a penetração que Edilberto e seus amigos vêm encontrando para o nome de Carlos Lacerda. Arinos, Kelly, Cleófas e outros moderados estão inteiramente de acordo com a escolha do tempestuoso deputado carioca. E Edilberto vai mais longe quando afirma "que mesmo os governadores udenistas (Leandro Maciel, Sarazate, Dinarte Mariz, tidos até agora como moderados) não serão obstáculos". Vai ser um ano parlamentar interessante se realmente a UDN se fixar em Carlos Lacerda para seu comando na Câmara. E são também evidentes as vantagens eleitorais que poderão advir dessa atitude aparentemente arriscada.

o
r
o
-

o
á
e
o-
o
a

ne
e-

os
só
u-

ou
os:

on,
que
os
ard
por
mais

ser
de-
de
ram
uma
coli-
tido)
para
ter o

vêm
edias
colha
quan-
aciel.
não
real-
o na
e po-



ÚLTIMO FLASH



A PRIMEIRA VITÓRIA DO BRASIL

● Com 3 «goals» decisivos de Didi (foto), o Brasil estreou no sul-americano de Lima, derrotando o quadro chileno. Não foi só o extraordinário meia do Botafogo que jogou bem. Também Zizinho (de volta ao selecionado depois de uma longa ausência) cumpriu destacada atuação, se constituindo, inclusive, numa atração especial

para os peruanos. Os jogadores brasileiros estão na firme disposição de brilhar, precisamente na cidade onde (em 1953) outro selecionado brasileiro teve atuação (no campo e fora dele) melancólica, inexpressiva e até mesmo imoral.

**A FIGURA
EM FOCO**



HORÁCIO LÁFER

No futuro as gerações
brasileiras lembrarão
O nome de Horácio Láfer,
e seu amor à Nação.

DO
M
D
C



...e o cigarro é **Columbia**

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ